

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN

CAMPUS AVANÇADO DE PATU - CAP

DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL

JÔNATAS QUEIROGA GUIMARÃES

AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA PARA OS LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE E PERSPECTIVAS.

PATU-RN
2017

JÔNATAS QUEIROGA GUIMARÃES

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA PARA OS LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE E PERSPECTIVAS.**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, *Campus Avançado de Patu - CAP*, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciando em Letras.

Orientadora: Prof.^a M^a. Antônia Sueli da Silva
Gomes Temóteo.

Catlogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

G963c Guimarães, Jônatas Queiroga
AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA PARA OS
LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA:
ANÁLISE E PERSPECTIVAS.. / Jônatas Queiroga
Guimarães. - Universidade Estadual do Rio Grande do
Norte - UERN, 2017.
62p.

Orientador(a): Profa. M^a. Antônia Sueli da Silva Gomes
Temóteo.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Linguística. 2. Gramática. I. Temóteo, Antônia Sueli
da Silva Gomes. II. Universidade do Estado do Rio Grande
do Norte. III. Título.

JÔNATAS QUEIROGA GUIMARÃS

**AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA PARA OS LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE E PERSPECTIVAS.**

Monografia apresentada à Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, *Campus Avançado de Patu - CAP*, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciando em Letras.

Aprovado em ____/____/2017.

Banca Examinadora

Prof^a. M^a. Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo.
(Orientadora - UERN)

Prof^a. M^a. Kadygyda Lamara de França Leite
(Examinadora 1 - UERN)

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
(Examinador 2 - UFRSA)

DEDICATÓRIA

A Deus, que foi meu sustento e me deu coragem, aos meus pais, aos meus irmãos, aos meus sobrinhos e a minha avó, que me apoiaram o tempo todo.

Aos meus familiares e amigos pelo carinho e compreensão.

Enfim, a todos que, de maneira direta ou indireta, me ajudaram na construção desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente pelo dom da vida, pela oportunidade, privilégio e sustentação. Amor incondicional, meu Tudo, que esteve sempre comigo.

Agradeço aos meus pais, que foram os heróis que me proporcionaram todo apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Quero agradecer também, a minha avó, meus irmãos e aos meus sobrinhos, que nos momentos de ausência dedicado ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação.

Agradeço a minha orientadora e amiga, Antônia Sueli da Silva Gomes Temóteo, que ao meu pedido, veio me presentear e enriquecer com sua orientação.

A universidade CAP/UERN, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela, de onde hoje vislumbro um horizonte superior, pela confiança no mérito e na ética.

A todos os meus queridos professores, por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados, no qual, sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Quero agradecer aos verdadeiros amigos de curso, Alany Dantas, Anamaria Tavares, Rannya Maygia, Natália Linhares e Francisca Verônica que me incentivaram e aturaram ao longo de todo curso. Compreenderam as minhas ausências em momentos especiais e estiveram sempre prontos a estender a sua mão nos momentos mais difíceis. Quando eu pensava em desistir, eles foram minha energia e confiança para voltar.

Meus agradecimentos aos meus amigos que na amizade foram essenciais na parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta que me ajudaram para a concretização deste trabalho.

Obrigado, a todos.

“AULA DE PORTUGUÊS”

Carlos Drummond de Andrade

A linguagem
na ponta da língua
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem na superfície estrelada de
letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, equipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-
me.

Já esquecia língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

(ANTUNES, 2007. p.29 e30)

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade analisar quais são as contribuições da linguística no ensino das normas gramaticais. Neste sentido, busca-se apresentar quais são as interferências da teoria linguística na gramática, assim, revelando um ensino de gramática flexível, que possa desempenhar significado na construção da aprendizagem do sujeito. A pesquisa é de cunho qualitativo, subsidiada em teóricos como: Antunes (2003; 2007; 2014), Bagno (1999; 2007), Cagliari (2008), Faraco (2008), Travaglia (2009; 2013), Vieira e Brandão (2014), dentre outros. O *corpus* para as análises foi constituído pelo livro didático “Português: linguagens”, do 1º e do 3º ano do ensino médio, no qual, apresenta métodos inovadores na busca de melhorar o ensino e o uso da língua portuguesa. Nesse viés, tentou-se apresentar alguns aspectos da linguística no ensino de língua portuguesa. Dessa forma, foi possível identificar pontos positivos, e considerar como um avanço, pois, nem sempre o livro esteve a mostrar métodos normativos, e sim, uma mescla de abordagens, pois, em boa parte, ocorriam ao mesmo tempo, abordagens reflexivas e normativas. Para tanto, é evidente a importância desses métodos, em que tenta proporcionar uma aprendizagem de língua materna de qualidade. A pesquisa aponta a necessidade de flexibilizar o ensino de gramática, pois, não traz melhorias, ou seja, não é satisfatório para o desempenho dos alunos. Por esse motivo, busca-se a cada dia encontrar novas metodologias para que se possa trabalhar uma gramática voltada para os diversos gêneros textuais, e que possibilite trabalhar a interpretação do texto e ter um ensino mais produtivo, no qual as regras possam ser compreendidas como direcionamento para uma melhor compreensão do uso das estruturas linguísticas, por meio da linguagem que usamos diariamente, como também, para que possamos formar alunos reflexivos, questionadores, críticos e construtor da realidade social.

Palavras – chave: Linguística. Gramática. Ensino. Língua materna.

ABSTRACT

This search aims to analyze the contributions of linguistics in the teaching of grammatical norms. In this sense, seeks out to present the interferences of linguistics theory in grammar, thus revealing a flexible grammar teaching that can make a significant role in the construction of the subject's learning. The research is a qualitative approach, supported in theoretical as: Antunes (2003), Bagno (1999; 2007), Cagliari (2008), Faraco (2008), Travaglia (2009; 2013), Vieira and Brandão (2014), among others. The corpus for analyzes was constituted by the textbook 'Português: linguagens', of the 1st and 3rd year of high school, in which, presents innovative methods in the search to improve the teaching and the use of the Portuguese language. In this bias, we attempted to show some aspects of linguistics in grammar teaching. In this way, it was possible to identify positive points, and to consider it as an advance, since, not always the book was showing normative methods, but a mixture of approaches, since, at the same time, there were reflexive and normative approaches. Therefore, the importance of these methods is evident, in that it tries to provide quality mother tongue learning. The research points out the need to make grammar teaching more flexible, because it doesn't bring benefits, that is, it isn't satisfactory for students' performance. For this reason, each day seeks to find new methodologies to work on a grammar focused on the various textual genres, and that make it possible to work the interpretation of the text and to have a more productive teaching, in which the rules can be understood as a guide for a better understanding of the use of the linguistic structures, through the language we use daily, as well as so that we can form reflective, questioning, critical students and builder of social reality.

Keywords: Linguistics. Grammar. Teaching. Mother Tongue.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 GRAMÁTICA – ORIGENS E DEFINIÇÕES | 15 |
| 2.1 NORMA CULTA | 18 |
| 2.2 NORMA PADRÃO | 22 |
| 2.3 NORMA GRAMATICAL | 24 |
| 2.4 UMA NORMA QUE GERA DISCUSSÃO | 25 |
| 3 RELAÇÃO ENTRE LINGUÍSTICA E GRAMÁTICA | 28 |
| 3.1 GRAMÁTICA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA | 29 |
| 3.2 GRAMÁTICA E ENSINO | 33 |
| 3.3 ERROS E ACERTOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA | 39 |
| 4 A LINGUÍSTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUNS ASPECTOS | 43 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 58 |
| REFERÊNCIAS | 62 |

1 INTRODUÇÃO

É notório que o ensino de gramática é importante, pois está voltado para os estudos da língua oral e escrita. Assim, Geraldi (1996) relata que a gramática é necessária para que os sujeitos possam estudar sobre a língua, pois, para falar e escrever de forma correta é preciso construir situações adequadas. Dessa forma, é por meio dos estudos gramaticais que os sujeitos passam a compreender, entender e reconhecer as normas necessárias para desenvolver habilidades consideradas “certas” para a fala e para a escrita.

Nesse contexto, é relevante destacar a norma culta, que difere um pouco da norma padrão. Ainda de acordo com Antunes (2007) relata que:

A norma culta, na compreensão tradicionalmente veiculada pela escola, corresponde àquele falar tido como “modelar”, como “correto”, segundo as regras estipuladas nas gramáticas normativas. Constitui, portanto, a representação do que seria o falar exemplar – aquele “sem erros”. (ANTUNES, 2007, p. 87)

Tal constatação revela que a norma culta é bastante presente, sendo a responsável por unir a linguagem dos sujeitos com a linguagem imposta pelas normas gramaticais, as quais são voltadas para regras e padrões, em que estabelece o “certo” na linguagem, porém, apresentam as variações linguísticas de maior influência.

Nesse viés, sabe-se que a língua passa por diversas mudanças. Assim, são constituídas as diversas variações linguísticas. Então, Bagno (2007) afirma que:

A língua, [...], é intrinsecamente heterógena, múltipla, variável, instável, e está sempre em desconstrução e em reconstrução. [...] A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a integrar por meio da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007, p. 36, 37)

Ampliam-se, deste modo, que a língua passa por mudanças constantes, uma vez que viabiliza a comunicação na sociedade, estando, portanto, sujeita à dinâmica natural que rege as atividades dos diferentes grupos sociais, o que sujeita-a às variações históricas, provocadas pelas mudanças tanto na fala como na escrita, dos lugares, onde são conhecidos por dialetos que representam características de modificação nas diversas regiões e, das situações, pois está voltada para o grau de

escolaridade, nível socioeconômico, faixa etária e diversidade de gênero de cada sujeito.

Devido ao uso das variações linguísticas, percebe-se que essas variações chegaram ao campo escolar e, principalmente, ao ensino de gramática. Dessa forma, ainda é possível enxergar que as instituições têm considerado viável utilizar apenas no ensino de língua portuguesa por uma gramática voltada para as regras, esquecendo-se do principal, a língua que realmente falamos no dia-a-dia.

Assim, Bagno (2001) afirma como deve ser feito o ensino de língua de portuguesa.

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficialmente, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. (BAGNO, 2001, p. 52, 53)

Nesse contexto, percebe-se que o ensino de língua portuguesa deve estar voltado para a língua que falamos, proporcionando aos alunos o conhecimento adequado da língua e a compreensão das diversas formas de comunicação. Assim, tornando as aulas de gramática mais contextualizadas por meio do uso dos textos/gêneros, para que o alunado possa ter uma aprendizagem proveitosa, como também, fazer uso de uma linguagem flexível nas diversas situações vividas.

Diante do que foi mencionado acima, esta pesquisa tem como finalidade fazer uma análise sobre as contribuições da linguística dentro das normas gramaticais, propondo revelar auxílios da teoria linguística na gramática e a inter-relação entre linguística, gramática e ensino.

Levando em consideração esses aspectos, esta pesquisa pretende analisar as teorias linguísticas que contribuem para o ensino de gramática. Nesse viés, revelando aulas de língua portuguesa que possam estar realmente voltada para a língua que falamos, como também, de forma contextualizada para a melhoria do aprendizado dos alunos.

O interesse por este estudo surgiu mediante a graduação em Letras, especificamente, por afinidade com a disciplina de Linguística I, como também, por afinidade com a gramática. Dessa forma, despertou-se a relevância de identificar as relações entre linguística e gramática, a importância do uso gramatical na escrita e os aspectos da teoria linguística que são aplicados nas aulas de gramática.

Neste contexto, nossa pesquisa tem a intenção de contribuir de forma significativa para discussões sobre linguística e gramática, como também contribuir para o professor que muitas vezes desconhece trabalho com gramática voltado para a língua, não conseguindo desenvolver nos alunos as competências e habilidades linguísticas necessárias em uma dada situação.

Dessa forma, teremos como *corpus* os livros de português, “Português-Linguagens” do 1º e 3º ano do ensino médio, a fim de mostrar como o livro didático trabalha a gramática, como o livro tem abordado a gramática, na qual, possam desenvolver aulas para que contribua para o entendimento e compreensão das regras.

Nossa pesquisa, quanto aos objetivos, identifica-se como descritiva, pois segundo Andrade (2009, p. 115) trata como “os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles.”. Pensando nisso, o trabalho será de procedimento bibliográfico, pois usaremos de fontes secundárias.

Quanto aos métodos de abordagem, a pesquisa designa-se como dedutiva, pois surgiu das leituras e reflexões sobre as teorias linguísticas, estudadas na disciplina de Sociolinguística, especialmente o que diz respeito aos estudos das variações linguística, os quais possibilitaram-nos voltar o olhar para a forma como a linguística se materializa no ensino da língua portuguesa, principalmente no que diz respeito à criação e uso das regras gramaticais, no contexto de ensino. De acordo com Andrade (2009, p.120) define-se da seguinte forma: “A dedução é o caminho das consequências, [...] partindo-se de teorias e leis gerais, pode-se chegar à determinação ou previsão de fenômenos particulares.”.

Outro ponto empregado nessa pesquisa é que a mesma se configura também como documental, ou seja, os levantamentos são feitos por meio de documentos. Assim, o resultado dessa pesquisa dar-se de maneira exploratória.

Nesse viés, lançamos mão de procedimentos como a leitura crítica dos materiais oriundos de fontes secundárias, que possibilitaram discussões essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, de caráter exploratório, que nos permitiu uma maior familiaridade com o problema.

Dessa forma, o primeiro capítulo apresentará o conceito, o surgimento dos estudos da gramática, e a sua evolução, na qual são discutidos os diferentes tipos de normas e que nem todos prezam pelo o bom uso da língua segundo as variações

linguísticas. No segundo capítulo, terá um enfoque na relação entre gramática e a linguística, assim, a discussão será sobre cada uma das partes das gramáticas, seus objetivos e suas metodologias, como também, sobre e os acertos e erros no ensino, voltado para as variações linguísticas. Por último, promovem-se alguns aspectos da linguística no ensino de língua portuguesa, em que é abordada uma análise nos livros de português do ensino médio, apresentando como são abordados os métodos gramaticais.

2 GRAMÁTICA – ORIGENS E DEFINIÇÕES

O estudo da gramática iniciou pelos gregos, que a criaram a partir de uma perspectiva filosófica, dedicando-se a estudar as estruturas da língua. Já os romanos, tiveram que receber essa tradição devido à dominação dos demais povos. Assim, o surgimento da gramática se dá pela cultura greco-romana.

De acordo com Faraco (2008):

Ao tempo da democracia ateniense e da república romana, momentos de grande efervescência política e jurídica, marcados por debates públicos acirrados. Os participantes desses debates tinham de desenvolver o domínio das habilidades de fala no espaço público para sustentar bem seus argumentos e tentar vencer as disputas políticas e jurídicas. Dessa necessidade prática, nasce a retórica, que se dedicava a estudar a língua como objeto de sugerir as formas de melhor explorar seus recursos expressivos com vistas a conquistar a adesão de auditório. (FARACO, 2008, p. 131)

Nota - se que os gregos eram bastantes ligados à linguagem, mas não tinham noções da teoria gramatical. No primeiro aspecto, estão os elementos necessários ao discurso para o desenvolvimento de fala, como também, o surgimento da retórica que foi fundamental para ensinar os sujeitos a escolherem a expressão verbal mais adequada e sensibilizar a fala pelo uso das figuras de linguagem.

Ainda de acordo com Faraco (2008):

Ao lado dessa tradição, desenvolveu-se uma outra, de caráter filosófico, na qual estão incluídas as reflexões de Platão e Aristóteles e também dos filósofos estoicos. Nela podemos identificar duas grandes direções. De um lado, especulou-se extensamente sobre a própria linguagem humana. [...] De outro lado, esses filósofos criaram uma análise de vários aspectos da língua grega como parte da construção da lógica, isto é, da teoria de como se organiza o raciocínio válido. [...] para os lógicos gregos, as proposições eram expressas por meio de sentenças da língua, eles tiveram de elaborar uma análise da estrutura sintática das sentenças [...] e das classes de palavras [...] bem como dos diferentes elementos lexicais com função de conectivos. (FARACO, 2008, p. 131, 132)

Nesse viés, percebe-se que Platão dedicou-se às questões linguísticas, com o intuito de apresentar uma relação entre os naturalistas e convencionalistas, ou seja, uma relação entre o significado e a forma da palavra. Com relação aos convencionalistas, nos dá um parecer de haver uma relação convencional, entre a palavra e a sua forma. Porém, os naturalistas, acreditavam que essa relação fosse

de forma natural. Os filósofos, também fizeram uma distinção entre sujeito e predicado, por meio de análise da estrutura sintática das sentenças, como também, o surgimento das classes de palavras por meio das partes iniciais do discurso.

Nesse contexto, já mais próximo da era cristã na cidade de Alexandria, os gregos estudavam, cuidadosamente, as produções literárias. Assim, Faraco (2008) afirma que:

[...] se dedicaram, na famosa biblioteca, a estudar, com intenso cuidado, a produção literária de seus autores consagrados. [...] Seu corpo de estudiosos se dedicou não só a catalogar todo esse precioso acervo, mas principalmente a estabelecer, a partir do estudo criterioso dos fragmentos disponíveis, o texto que se poderia considerar como definitivo da obra de cada um dos autores gregos clássicos. Por razões óbvias, os grandes poemas de Homero receberam particular atenção desses estudiosos. [...] Para realizar esse trabalho inestimável, os sábios alexandrinos tiveram de criar os métodos que, mesmo aperfeiçoados posteriormente, constituem ainda hoje a base de qualquer atividade de edição crítica dos textos reconhecidos como clássicos da cultura. [...] O estudo criterioso dos textos levou os eruditos alexandrinos a descrever e comentar a língua que ali encontravam: aspectos de métrica, ortografia e pronúncia; a distribuição das palavras por classes [...] a estrutura sintática da oração simples [...] e dos períodos [...] o uso das figuras linguagem. (FARACO, 2008, p. 132, 133)

Dessa forma, é possível enxergar que os estudos linguísticos encontravam-se presentes na literatura da época. Assim, desenvolveram-se dois métodos: o primeiro, foi tornar as obras literárias mais próxima da contemporaneidade, é o caso das obras de Homero, e a segunda, foi ter cuidado com a métrica, ortografia e pronúncia, que nos dá um parecer de que eles estavam preocupados com o uso correto da língua, no intuito de manter o grego clássico.

Nesse viés, Faraco (2008) afirma:

Dionísio Trácio conceituava a gramática como “o conhecimento empírico do comumente dito nas obras dos poetas e prosadores”. O objetivo do gramático era, portanto, a língua escrita exemplar, ou seja, para a cultura helenística, a língua literária. E o gramático perseguia dois objetivos: descrever essa língua e, ao fazê-lo, estabelecer um modelo a seguido por todos que escreviam. (FARACO, 2008, p. 133)

Evidencia-se, assim, o surgimento da primeira gramática, a qual, tornou-se essencial para os estudos gramaticais, com a finalidade de propor uma escrita padrão. Dionísio Trácio foi o grande organizador da arte da gramática, como também, foi a partir do surgimento desse procedimento que iniciou o uso da tradição normativa.

Nesse processo, Faraco (2008, p. 133), fala que “a diversidade linguística é sempre osso duro de roer, porque, além da diferença das formas, há uma valorização social diferenciada.”. Sabe-se que diversidade linguística está voltada para a múltipla existência e convivência de diferentes línguas. Faraco (2008, p. 134), completa que “por outro lado, as línguas que têm escritas apresentam também diferenças entre os modos de falar e de escrever.”. O que mais chama a atenção é o fato de que existem traços linguísticos no surgimento da primeira gramática, pois era comum entre gregos alexandrinos a diferença do grego escrito para o falado.

Ampliam-se, desse modo, que foi através da cultura grega que a elite romana passou a aprender a língua e a literatura gregas. E, mais adiante, Roma passou a dominar seus estudos gramaticais.

De acordo com Faraco (2008), afirma que:

Os romanos adotaram como referência a linguagem dos poetas e prosadores consagrados e dos modelos gregos. O criador da primeira gramática latina foi Varrão, que seguiu seu mestre alexandrino Crates de Malos e definiu seu trabalho como “a arte de escrever e falar corretamente; e de compreender os poetas.”. (FARACO, 2008, p. 137)

É claramente visto, que a partir da gramática latina que surgiu às primeiras concepções de pessoas cultas, ou seja, os romanos deveriam falar e escrever bem. Eles queriam aproximar a língua e a escrita que foi usado pelos autores da época. Com isso, se destacaram dois pontos: no primeiro, a gramática era uma característica pertencente aos homens, nos quais, esperavam devolver habilidades de fala e escrita, consideradas corretas, e a segunda, foi o ensino rigoroso da gramática, ou seja, o sujeito tinha que pôr em prática o falar e o escrever.

Nesse sentido, foi no período medieval que a gramática do latim foi adotada, em que professores e estudiosos consideravam o latim clássico como uma língua culta/padrão. Assim, afirma Faraco (2008, p. 139), “de um lado, vamos encontrar os eruditos escrevendo em latim e tentando manter os padrões clássicos”.

Faraco (2008, p. 140) apresenta que “só por volta do século IX d.C. é que irão os primeiros textos escritos nessas novas línguas, dando início a um período de contraditória convivência com a prática estabelecida de só se escrever latim.”.

Apesar da importância da língua do latim, a língua vernácula, que era considerada a língua materna, permaneceu por séculos, pois estava voltada para um

grande número de pessoas, enquanto, a língua do latim esteve presente nos rituais religiosos e para uma pequena elite.

Dessa forma, se tratando de gramáticas, a mais citada do português foi a de João Barros. Faraco (2008, p. 143) afirma que “a definição que esse autor dá de gramática: ‘É vocábulo grego: quer dizer ciência de letras. E segundo a definição que lhe deram os gramáticos, é um modo certo e justo de falar e escrever, colhido do uso de autoridade dos barões doutores’.”.

Detectou-se que nas palavras da gramática de João Barros, encontra-se a mesma tradição vinda dos alexandrinos, ou seja, a exigência de falar e escrever bem. E, ainda, é possível notar que a sua gramática estava ampla a todas as linguagens.

Com isso, pode-se constatar que ainda existe até hoje um modelo de ensinar o que é considerado correto, assim, partindo sempre dos estudos gramaticais. Faraco (2008) chama esses métodos de normativismo e gramatiquice. E, ainda, acaba fazendo uma crítica ao uso obrigatório do normativismo, no qual, nos dá um parecer de algo imutável e que não aceita aquilo que esteja fora da norma culta, enquanto, a gramatiquice, relata sobre o uso exagerado e rigoroso em relação à linguagem.

2.1 NORMA CULTA

Primeiramente, é preciso identificar, de maneira geral o significado de norma. Sabe-se que é uma regra imposta que se deve ser respeitada. Porém, Faraco (2008) relata, sobre a norma nem sempre estará voltada para fenômenos fixos.

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguístico (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala. (FARACO, 2008, p. 35)

Entende-se que há uma desconstrução sobre a definição da palavra norma. O autor, não utiliza a norma como modelo obrigatório, e sim, define como algo

normal que está relacionado à comunidade de fala, ou seja, que está por dentro dessa normalidade, seja ela visual e/ou habitual.

Outro aspecto importante é que a norma é considerada como um sistema que se relaciona, sejam elas, relacionados à teoria ou na gramática, sempre haverá uma possível organização. Faraco (2008, p. 36) afirma que “no entanto, nenhuma teoria deixa de reconhecer o fato básico: não há norma sem organização.”.

Em outras palavras, Faraco (2008, p. 36) diz que “se toda norma é estruturalmente organizada, é impossível falar sem gramática.”.

Sob tal enfoque, percebe-se a importância da norma como auxílio fundamental para a gramática e para o sujeito, na qual, tem como função dominar a língua que falamos, como também, compreender a junção das palavras numa determinada frase. É, por isso, que o ensino de gramática tem como foco uma organização e/ou um regulamento no processo de aprendizagem do português.

Outro fato muito importante é aceitar que, independentemente, da sua forma de fala, ela possuirá uma norma, ou seja, a norma está voltada para a fala como um sistema de palavras que se relacionam; não existe uma norma certa ou errada, apenas sujeitos que não têm conhecimentos com as normas.

De acordo com Faraco (2008):

Por outro lado, apesar de haver diferenças entre os falantes quanto ao domínio de muitas normas sociais, não há falantes que falem sem o domínio de algumas normas. Diferentes grupos sociais, por terem histórias e experiências culturais diversas, usam sim normas diferenciadas (e até discordantes). Mas, não há grupo social que não tenha norma, que fale sem o suporte de uma dada organização estrutural. (FARACO, 2008, p. 37)

Nesse viés, sabe-se que as variações sociais, culturais e históricos são detectadas quando os sujeitos passam a usar no ato da fala certos vocabulários relacionados ao profissionalismo, outras, mudam com o decorrer do tempo, como também, pode haver o uso de novas palavras em determinados grupos sociais, ou seja, são os casos da utilização de gírias e jargões, mesmo assim, todos eles possuem uma sistematização.

Nesse contexto, é necessário ressaltar que a comunidade linguística está voltada para indivíduos que usam da mesma língua para manterem comunicação uns entre os outros, principalmente, numa comunidade ou grupos sociais. Com isso, é notório o emprego de várias normas em numa determinada comunidade nos atos

de fala, o sujeito passa a adequar sua fala com os outros indivíduos com os quais, eles/elas tendem a conviver.

Assim, Faraco (2008):

Em cada uma dessas comunidades, costumam haver modos peculiares de falar e o comportamento normal do falante é variar sua fala de acordo com a comunidade de prática em que ele/ela se encontra. É parte do repertório linguístico de cada falante um senso de adequação, ou seja, ele/ela acomoda seu modo de falar às práticas correntes em cada uma das comunidades de prática a que pertence. Por isso, se diz que cada falante é um camaleão linguístico. (FARACO, 2008, p. 38)

Efetivamente como apresenta, os indivíduos são capazes de variar a sua fala dependendo do meio. E, quando o autor cita “camaleão linguístico”, percebe-se uma comparação em que, da mesma forma que o réptil, dependendo da sua espécie, varia nas cores, o ser humano, acaba adaptando a sua linguagem, podendo provocar diferentes reações, quando não tem prática com a determinada linguagem.

Sabe-se que a norma culta é considerada como uma padronização linguística, como um, conjunto de regras que define a linguagem certa por meio do alto grau de escolarização. Assim, Faraco (2008, p. 43) admite que “é preciso dizer que não é simples conceituar e identificar, no Brasil, a norma a que se dá qualitativo de culta.”. Dá-nos um parecer, que ao mencionar essa dificuldade de conceituar a norma culta, tenha se dado pelo fato de constantemente estarmos interagindo com sujeitos diferentes, assim, cada sujeito possui sua forma de falar.

Dessa forma, conceitua Faraco (2008) que:

O modelo, no momento, parece favorecer o melhor instrumental para registro da diversidade já estudada é o proposto por Stella Maris Bortoni Ricardo (2005), que busca distribuir as variedades em três *continua* que se entrecruzam: o *continuum* rural-urbano, o de oralidade-letramento e o da monitoração estilística. (FARACO, 2008, p. 44)

Nesse viés, é possível identificar a variabilidade existente em qualquer lugar, e esse contínuo rural-urbano, está voltado para indivíduos que sofreram influências com relação à norma culta e/ou norma padrão, tanto na fala, quanto na escrita. Assim, explica o porquê da variação os centros urbanos e rurais. É notório que essa variação entre esses lugares e rurais ocorreram devido à dificuldade de estarem relacionadas aos livros, as escolas e entre outras.

No caso da monitoração estilística, nota-se que o sujeito é capaz de modelar a sua fala, muitas vezes, pelo ambiente ou pelo tipo de conversa. Outro aspecto importante é que o falante ao monitorar sua fala, ele pode causar boa impressão, usando termos formais para determinados assuntos.

Faraco (2008) relata numa perspectiva linguística, que ao nomear norma culta, é possível existir certos fatores, nas quais, nem sempre está claro. De acordo com a gramática normativa, sabe-se que ao se referir norma culta ou linguagem culta estamos falando, de uma linguagem erudita e que ao tentar se relacionar com as falas dos grupos sociais, acaba ocorrendo um preconceito linguístico, assim, não aceitando pelo o simples fato de terem sofrido a falta de cultura.

É importante destacar, que quando ocorrem situações parecidas, em que, o sujeito não fala de maneira culta, imediatamente acontece opiniões, no qual, acusam o sujeito de falar mal, de ser ignorante, de ser analfabetos e entre outras.

Faraco (2008) afirma que:

Por isso, é preciso trabalhar criticamente o sentido do qualitativo *culta*, apontando seu efetivo limite: ele diz respeito especificamente a uma certa dimensão da cultura, isto é, a cultura escrita. Assim, a expressão *norma culta* deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações, por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura da escrita. (FARACO, 2008, p. 54)

Nesse contexto, é perceptível identificar limites para se trabalhar com a norma culta, pondo sempre em prática a necessidade de desenvolver atividades, as quais, estejam voltados para a escrita. Dessa forma, a norma culta deve ser colocada em prática, dependendo do contexto, no qual está inserido, com sujeitos que sejam aptos para desenvolver a escrita.

Assim, Faraco (2008) afirma:

É preciso lembrar, por exemplo, que a norma culta está vinculada estreitamente ao espectro de práticas socioculturais que constituem o que se pode chamar de cultura letrada em sentido amplo, isto é, as práticas culturais que envolvem não apenas atividades de leitura e escrita como tais, mas toda e qualquer atividade que tem o processo histórico do escrever como pano fundo. Do mesmo modo, a norma culta é mais que apenas um rol de elementos léxico-gramaticais. Ela combina práticas culturais, valores sociais e elementos propriamente linguísticos. (FARACO, 2008, p. 56)

O que mais chama a atenção é o fato da norma culta não está só voltada em atividades de leitura e escrita, como estamos acostumados a ver nas escolas, mas, que possa estar presente em atividades de escrita/fala, para que os indivíduos comecem a ser trabalhados desde infância, até que o sujeito tenha desenvolvido algumas habilidades.

Outro fato importante é a norma culta está além das listas dos léxicos-gramaticais, podendo sempre interferir em práticas socioculturais, nos valores sociais com a intenção de ajudar a construir de forma positiva na ética dos sujeitos e, principalmente, nos elementos que compõe um texto.

Nesse viés, é perceptível o envolvimento da norma culta com a certeza do escrever e falar bem. Dessa forma, é visto que tanto a norma culta, quanto à variação linguística são importantes. Essa norma tão discutida é a ponte que liga o processo de fala/escrita com o correto e o incorreto, mesmo tendo variações, ela tenta fazer com que a linguagem se aproxime do padrão. O uso da norma culta é dado pelos estudos gramaticais, é o caso do uso de pontuação, de acentuação, da concordância, regência e entre outras. Não é de hoje que escrever e falar é uma competência bastante valorizada, possibilitando os sujeitos a se comunicar com eficiência.

2.2 NORMA PADRÃO

É necessário que antes de tudo, sejam feitos breves relatos sobre o surgimento dessa unificação da língua, assim, mostrando de onde partiu e como chegou a se tornar norma padrão.

De acordo com Faraco (2008), relata que a padronização iniciou devidos os estudos feitos por meio da gramática de Antonio de Nebrija, na qual se buscou unificar as línguas com o objetivo de minimizar as variações linguísticas pertencentes da sociedade feudal.

Pode-se constatar que a padronização foi um processo com a finalidade de tornar a língua como algo único e de fácil compreensão, com isso, era necessário que todos tivessem uma comunicação adequada.

Ainda de acordo com Faraco (2008) afirma que:

Se a norma culta/comum/standard é a variedade que os letrados usam corretamente em suas práticas mais monitoradas de fala e escrita, a norma-

padrão não é propriamente uma variedade da língua. [...] Enquanto a norma culta/comum/ standard é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações, a norma-padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada a dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística. (FARACO, 2008, p. 73).

Percebe-se que há uma diferença entre a norma padrão da norma culta/comum/standard, na qual, uma está voltada para uma linguagem “abrasileirada¹”, aceitando as variações, por meios dos grupos sociais e/ou de determinadas situações, enquanto isso, a norma padrão está girando em torno de uma língua única, que apresenta uma listagem de cada item com seus determinados significados, como também, por um processo de fala limitada e elaborada na tentativa de favorecer a sociedade a construção de linguagem padrão e de melhor entendimento.

Assim, Faraco (2008) ainda cita a questão das gramáticas e dicionários,

Nesse contexto histórico, as gramáticas e dicionários não foram entendidos apenas como instrumentos descritivos, mas como instrumentos padronizadores, ou seja, como instrumentos de fixação de um padrão a ser tomado como regulador do comportamento dos falantes, visando alcançar uma língua. (FARACO, 2008, p. 74).

Outro fato importante é poder observar que mesmo fazendo retrospectiva histórica sobre as funções das gramáticas e dicionários, é visto que, ainda hoje não colocamos em prática como elementos descritivos, e tampouco nas escolas, são postas que as gramáticas e dicionários são elementos que prevalecem na tentativa de formar sujeitos aptos a falar e escrever a norma padrão.

Nesse sentido, Faraco (2008) fala sobre a norma padrão que:

É por aí que a norma-padrão pode se tornar uma referência suprarregional e transtemporal. Nesse sentido, o padrão tem sua importância e utilidade como força centrípeta no interior do vasto universo centrífugo que caracteriza as línguas. [...] O padrão não conseguirá jamais suplantar integralmente a diversidade porque, para isso, seria preciso alcançar o impossível: homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história. Mesmo assim, o padrão terá sempre, por coações sociais, certos efeito unificador sobre as demais normas. (FARACO, 2008, p. 78)

¹ O termo “abrasileirada” é pertencente ao autor Faraco (2008), na qual, relata uma linguagem voltada para norma culta, juntamente, com as diversidades de fala.

Dessa forma, é visto com clareza que a norma-padrão seja algo considerável que vai além das regiões e do próprio tempo, e que está sempre em torno dos elementos que fazem parte de uma língua. Mesmo assim, é possível identificar uma complexidade para estabelecer a norma, pois a língua muda com facilidade, ou seja, é posto que a língua tenha variações.

Assim, a norma-padrão chega ao Brasil. Faraco (2008), relata que:

O caso brasileiro é particularmente exemplar nesse sentido, em especial porque o padrão foi construído, já na origem, de forma excessivamente artificial. [...] Bem ao contrário: a elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão certo modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do romantismo. (FARACO, 2008, p. 78)

Compreende-se, assim que a constituição do padrão no Brasil teve início pelas referências dos lusitanos, consideradas como artificiais. A elite não teve interesse de usar a sua linguagem comum, e sim, colocar em prática, normas que estavam voltadas para uma cultura escrita.

Dessa forma, Faraco (2008) diz que:

[...] passando mais de um século do esforço padronizador do século XIX, que ele foi um projeto que, no fundo, fracassou: por ferir excessivamente o senso linguístico dos falantes urbanos e letrados brasileiros, nunca conseguiu, de fato, alterar a face linguística do nosso país. (FARACO, 2008, p. 80)

Nesse contexto, pode-se evidenciar que a norma padrão quer garantir uma língua que se torne a maior expressão, com isso, apresenta dificuldades em sua permanência, tanto na fala, quanto na escrita, e assim, não conseguindo promover mudanças na linguagem e optando aceitar as variedades existentes nela.

2.3 NORMA GRAMATICAL

Como já se sabe, a gramática tem uma função muito importante, é através dela que se regulariza a língua, colocando na prática o padrão na escrita, como também, na fala. Dessa forma, afirma Antunes (2007) que “a gramática tem essa função regularizadora.”.

Ainda de acordo com Antunes (2007):

Em termos bem gerais, podemos dizer que estudar mais que Gramática leva a procurar explorar o conhecimento de outras áreas, de outros domínios e assumir a certeza de que, ao lado do conhecimento da Gramática, outros são necessários, imprescindíveis e pertinentes. Portanto, não tem fundamento a orientação de que não é para ensinar Gramática. Repito: não é para ensinar apenas Gramática. (ANTUNES, 2007, p.65)

Nesse viés, percebe-se a importância da gramática na vida, como também, relacionada para algo que está além de um regulamento da língua, ela é posta para contribuir aos sujeitos, apresentando um estudo de língua materna, assim podendo contribuir de forma significativa nos conhecimentos de sua cultura.

Já Faraco (2008), relata sobre uma norma gramatical contemporânea, em que os gramáticos estão mais flexíveis e não se preocupam em trabalhar com tanta dureza.

[...] Esse fato fez os nossos melhores gramáticos da segunda metade do século XX flexibilizar os juízos normativos, quebrando, pelos menos em parte, a rigidez da tradição excessivamente conservadora. Essa flexibilização produziu um fenômeno interessante a que poderemos tentativamente chamar de norma gramatical [...] Nossos bons gramáticos já não insistem a defesa categórica da norma-padrão do século XIX. (FARACO, 2008, p. 81)

Dessa forma, sabe-se que a gramática normativa está relacionada ao método como os indivíduos devem falar o português. É por meio dos estudos normativos que se têm as regras que nos rodeia a todo instante. Assim, considerando com jeito correto da língua.

Nesse contexto, Faraco (2008) afirma que no meados do século XX os gramáticos estão se tornando mais flexíveis, propondo se trabalhar gramática que possa abrigar as variações linguísticas e dando importância ao ensino de língua mais simples e de fácil compreensão a todos da sociedade.

2.4 UMA NORMA QUE GERA DISCUSSÃO

É possível ainda encontrar certas normas em discussão, mesmo sabendo que não é tão simples. Sabe-se que há uma diferença entre a gramática normativa e a norma culta/comum/standard. Faraco (2008) afirma que existe um tipo de linguagem falada por sujeitos letrados em determinadas situações, em que acaba

diferenciando da norma gramatical, que são elementos propícios para que se falar/escrever de forma considerada correta.

Dessa forma, Faraco (2008) diz que:

Objetivamente, a língua precede sempre os instrumentos e estes devem, portanto, estar sempre em consonância com ela. Culturalmente, porém, dá-se um valor quase sagrado aos instrumentos normativos, como se eles é que precedessem a língua e garantissem a sua preservação. (FARACO, 2008, p. 86)

Nota-se uma crítica com relação à norma gramatical, que a partir do seu surgimento, ela tem como finalidade utilizar das regras para se falar bem e são geralmente intituladas por norma correta. Porém, o autor faz questão de evidenciar, que a língua também possui elementos que são interiorizados no indivíduo e devem ser relacionados às normas gramaticais, bastando, assim, adequar essa norma com uso.

É notório que, nos dias atuais, é possível enxergar que a norma culta/comum/standard não é mal vista, e sim, ela já tem conquistado seu espaço no meio de algumas escritas, na qual, apresenta uma forma de escrita mais próxima dos falantes.

Faraco (2008) relata que:

No entanto, a língua é uma realidade heterogênea e mutante. Os usos diferem e se alteram. Nem mesmo a difusão fortemente institucionalizada da norma-padrão consegue homogeneizar as normas sociais e estancar as mudanças. É inevitável que, com passar do tempo, ocorram conflitos entre os usos e os instrumentos normativos, entre norma culta/comum/standard e a norma gramática, conflitos que, dependendo do contexto, podem desembocar em impasses. (FARACO, 2008, p. 87)

É importante ressaltar o quanto a nossa língua muda constantemente, ou seja, ela apresenta a cada dia mudanças com características próprias, mas não negam a unidade da língua. Por esse motivo, sabe-se da impossibilidade de padronização na língua.

Dessa forma, é importante observar que os gramáticos não têm obrigação de exigir correções dessas variações linguísticas, que são interiorizadas na cultura dos sujeitos. Porém, não se pode considerar que tudo na fala seja considerado correto. Assim, é preciso encontrar elementos necessários e benéficos, para que haja uma maneira de tentar relacionar as duas normas.

Ampliam-se, deste modo, que falar um português certo, é está por dentro das normas gramaticais e colocar em prática as palavras contidas no dicionário. Assim, esse procedimento revela sérios problemas aos indivíduos. Assim, (FARACO, 2008, p. 91) afirma que “na maioria das vezes, a simples consulta a um bom dicionário ou a uma boa gramática é suficiente para desautorizar as condições arbitrárias.”.

Ainda de acordo com Faraco (2008, p. 92) afirma que “o que tem predominado que tem referência no nosso sistema escolar, e tem sido reforçado por boa parte dos consultórios gramaticais da mídia. [...] é uma norma estreita a que chamamos aqui de norma culta.”. Nesse sentido, nota-se uma predominância dentro do âmbito escolar, e ainda mais dos indivíduos com relação aos elementos que servem para diagnosticar o que está certo e/ou errado, pensando, assim, que a língua é campo de normas prontas que não varia.

Dessa forma, Coelho (2014) afirma o que é a norma curta, como o próprio nome diz, é uma norma estreita que está ligada à norma padrão, na qual, possui regras invariáveis, que vem na tentativa de rotular o que é certo e errado.

Nesse viés, é perceptível observar que a norma curta é bastante diferente da gramática normativa, pois, ultimamente as gramáticas e dicionários têm se tornado mais flexíveis, ou seja, estão adequados a uma fala real, porque a língua é heterogênea, muda constantemente. Assim, (FARACO, 2008, p. 93) afirma que “gramáticos e dicionaristas contemporâneos refletem o fato de que, no fundo, o projeto padronizador do século XIX fracassou.”.

Ainda de acordo com Faraco (2008) relata que:

A nossa cultura gramatical de melhor qualidade, ciente do artificialismo e da ineficácia dos padrões definidos no século XIX, tem estado mais atenta aos fatos do culto, isto é, tem se dedicado mais a apresentar a norma culta/comum/standard do que a reiterar a fracassada norma padrão oitocentista. [...] a nossa gramática de melhor qualidade buscando combinar adequadamente a tradição e a inovação, o clássico e o moderno: tente a ser conservadora, mas aberta às características da norma culta/comum/standard brasileira e às mudanças por que passam inevitavelmente as variedades da língua. (FARACO, 2008, p. 93)

Assim, a nossa língua não pode ser usada sempre de forma padronizada, pois o contexto e os falantes são alguns elementos que influenciam na forma de como ela deve ser praticada. Não se pode classificar como certo ou errado, mas sempre buscar meios de adequação.

Dessa forma, nota-se um novo olhar voltado para a gramática com as variações linguísticas, tentando buscar a relação entre os métodos antigos com mais atuais. É importante destacar que a norma culta/comum/standard está voltada para uma linguagem brasileira que não seja limitadora, e sim, que considere as variações que compõem o sistema de língua de uma comunidade de falantes.

Nesse contexto, surge a necessidade de relatar sobre a relação entre a gramática e as variações linguísticas, em que se trabalhar com a gramática de forma tradicional levará ao alunado utilizar métodos que não funcionam. Isso porque os estudos voltados para a teoria não proporciona a ninguém a ler, falar e escrever bem. Com isso, é interessante que os estudos gramaticais sejam voltados para a língua, assim, levando o alunado ao interesse da língua, como também, fazerem entender o conteúdo, acabar com a frustração, reprovação e o preconceito linguístico.

3 RELAÇÃO ENTRE LINGUÍSTICA E GRAMÁTICA

Quando se fala em regras, lembramos sempre da gramática. Para (FERREIRA, 1999, p. 103), é o “estudo ou tratado dos fatos da linguagem, falada e escrita, e das leis naturais que a regulam.”. Dessa forma, percebe-se que a gramática tem por objetivo apresentar regras, como também analisar as estruturas que o sujeito de uma língua tem programado em sua memória e permitindo a usar sua língua, propondo também descrever o sistema de um idioma.

Porém, a linguística tenta explicar que em alguns casos as normas gramaticais são consideradas inadequadas, ou seja, está voltada para uma linguagem de uso, na qual, a abrangência é maior quando se trata do “certo e errado” no ensino de língua portuguesa. Assim, percebe-se que as normas gramaticais devem ser adequadas, sempre acolhendo o uso das variações de língua. Nesse sentido, não excluído a gramática, a linguística tem como objetivo priorizar as mudanças que ocorrem na língua seja ela, no meio social ou no processo de fala.

Assim, Vieira e Brandão (2014) vêm nos dizer que:

E ainda recomenda que deixássemos de lado as regras e as exceções, pois a língua de nossos dias reflete a civilização atual e é impossível manter um

purismo linguístico, querer forçar a jovens – que pertencem aos mais diversos grupos sociais – um padrão idiomático dissociado da vida... (VIEIRA e BRANDÃO, 2014, p. 14).

Nesse contexto, nota-se que no decorrer do dia-a-dia a língua passa por mudanças, assim, não havendo possibilidades de uma padronização. É notória a dificuldade de o padrão acontecer, pois a língua é exposta por uma junção de variações. Nesse viés, é possível considerar que a língua tem poder de marcar sujeitos e/ou grupos sociais, como também, pode diferenciar as falas dos grupos sociais da comunidade.

3.1 GRAMÁTICA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Um dos problemas enfrentados pelos em sala de aula é a questão de trabalhar as variações linguísticas. Nem todos os professores possuem habilidades de ensinar a língua portuguesa, sabem na verdade, trabalhar apenas a parte gramatical pelo método tradicional. É notório que as escolas, ultimamente, estão voltadas para o ensino da língua, através da gramática normativa, assim, não incluindo as variações linguísticas que são construídas pelos falantes desde os anos iniciais.

Nesse caso, Travaglia (2009):

[...] para devolver a competência comunicativa dos usuários da língua era preciso abrir a escola à pluralidade dos discursos. Uma dimensão dessa pluralidade diz respeito às variedades linguísticas. Todos sabem que existe um grande número de variedades linguísticas, mas, ao fato, observa-se que a nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, às vezes, até moral, que leva a tachar os usos característicos de cada variedade como certos ou errados, aceitáveis ou inaceitáveis. (TRAVAGLIA, 2009, p. 41)

Nesse viés, é importante salientar que tanto os professores, quanto as instituições, devem estar aptos para o ensino de língua materna, na qual se possam promover trabalhos, para que o alunado esteja capacitado para conhecer os diversos tipos de falas, como também, propor a valorização da sua língua e torna-los sujeitos críticos.

Sabe-se que as variações linguísticas são procedimentos em que a língua pode ser falada e/ou compreendida por meio das variações, sejam elas históricas e regionais. Acontecem os procedimentos de variações, devido ao processo de

comunicação, com isso, é possível perceber que os sujeitos acabam utilizando novas formas de falas por causa das necessidades comunicativas.

Dessa forma, Cagliari (2008) relata sobre a constituição da fala das crianças.

Criança aprendeu a fala e a entender o que falam, revelando um processo de aquisição da linguagem que teve grande desenvolvimento a partir, aproximadamente, do seu primeiro ano de idade. [...] A criança, evidentemente, não entrou para o mundo da linguagem da mesma forma que um adulto se inicia no aprendizado de uma língua. Ele foi exposta ao mundo linguístico que a rodeia e nele foi, ela própria, traçando seu caminho. (CAGLIARI, 2008, p. 16, 17)

É importante ressaltar que as primeiras falas se dão através de capturas, ou seja, o adulto ao comunicar com a criança pode fazer com que a criança produza alguns sons por meio das palavras. Dessa forma, nota-se que, a aquisição de fala da criança, se dá antes mesmo de ir para escola, a criança começa a desenvolver a capacidade comunicativa, já nos primeiros anos de vida. Com isso, entende-se que é possível o sujeito criar assim um lugar como indivíduo falante no mundo pelas suas próprias palavras.

Ampliam-se, deste modo, que a criança considerado falante nativo de uma língua, possui a capacidade de falar por meio das regras gramaticais. (Cagliari 2008) afirma que:

Quando se diz que a criança já é falante nativo de língua, significa que ela dispõe de um vocábulo e de regras gramaticais. [...] a criança de 3 anos adquire e usa um vocabulário próprio para expressar aquilo que precisa, assim como um médico, um metalúrgico ou um cozinheiro adquirem e usam o vocabulário de que necessitam. (CAGLIARI, 2008, p. 18)

Nesse viés, detecta-se a interiorização da gramática na vida dos sujeitos. Assim, são necessários à utilização dos próprios vocabulários, ou seja, as primeiras variações linguísticas da criança para expressar a comunicação do que elas necessitam.

Em relação ao dialeto, Cagliari (2008, p. 19) afirma que “um dialeto não é simplesmente um uso errado do modo de falar do outro dialeto. São modos diferentes.”. Sabe-se que os dialetos são linguagens utilizadas por determinados grupos. Dessa forma, é possível enxergar que o dialeto ainda está voltado para as regras gramaticais, ou seja, os dialetos que não são aceitos, são obrigados a seguir

as regras, para que se possa haver comunicação e compreensão entre os indivíduos.

Já Travaglia (2009, p. 42) relata uma variação de dialetos. É o territorial, a social, a de idade, a de sexo, a de geração e a de função.

Ainda de acordo com (TRAVAGLIA, 2009, p. 42) O dialeto territorial é “a variação que acontece entre pessoas de diferentes regiões em que se fala a mesma língua.”. Nesse contexto, é detectável que as variações existentes em cada região, se dão, pelos os efeitos de fala que surgem na construção de cada região.

Já em relação aos dialetos na dimensão social (TRAVAGLIA, 2009, p. 45) afirma que são “as variações que ocorrem de acordo com a classe social a que pertencem os usuários da língua.” Neste caso, são encontrados diversidades de falas entre os diversos grupos sociais, na qual, são eles, que compõe a sociedade.

Ainda de acordo com Travaglia (2009), dentro do dialeto social, encontra-se a variação da natureza, na qual, refere-se às falas de profissionais de uma determinada área. Como também, uma alteração na comunicação de quem possui um nível de escolaridade.

Dessa forma, de modo geral, os dialetos sociais são necessários para que haja a identificação dos grupos dentro da sociedade, ou seja, o grupo social passa a ser conhecido, devido a sua forma de interação.

Assim (TRAVAGLIA, 2009, p. 46) diz sobre os dialetos de idade que “representam as variedades decorrentes da diferença no modo de usar a língua de pessoas de idades diferentes, normalmente em faixas etárias diversas: crianças, jovens, adultos velhos ou outras que se julgue pertinente estabelecer de acordo com o objetivo de observação.”. Nesse contexto, é importante ressaltar que os dialetos de idade começam a surgir, quando o sujeito passa a participar de determinados grupos sociais no decorrer da sua vida, e principalmente, na adolescência, pois, nessa fase surgem as gírias. Trata-se de um novo modo de fala por meio dos grupos de pessoas, na qual, identifica o grupo social; expressa sentimento como felicidade e/ou frustração; geralmente é escutada pela rua por um público formado por jovens e, é bastante importante, porque revela o mundo social atual.

Com relação aos dialetos do sexo (TRAVAGLIA, 2009, p. 47) “representam as variações de acordo com o sexo de quem fala.”. Como o próprio nome já diz, é a mudança de comunicação entre homem e mulher, ou seja, é a questão do gênero.

Como também, está voltada para a questão gramatical, na qual, prioriza a concordância, ou seja, a utilização do léxico.

Os dialetos da geração (TRAVAGLIA, 2009, p. 48) diz que “representam estágios no desenvolvimento da língua. Alguns estudiosos preferem falar em variação histórica.”. Nesse viés, relata sobre a diversidade na língua escrita que ocorre com passar do tempo.

O dialeto da função (TRAVAGLIA, 2009, p. 51) afirma que são “variações na língua decorrentes da função que o falante desempenha.”. Com isso, esse dialeto se dá pela função ou papel que o sujeito desempenha, ou seja, a linguagem que o professor utiliza em sala, não é a mesma que ele usará em casa com seus filhos ou com os amigos.

Com relação à gramática, é importante ressaltar como é o ensino nas escolas. De acordo com Travaglia (2009), afirma que:

O ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, apegando-se a regras de gramática normativa que, como vimos, são estabelecidas de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos. Tais regras e exemplos são repetidos anos a fio como formas corretas e boas a serem imitadas na expressão do pensamento. (TRAVAGLIA, 2009, p. 101)

Dessa forma, nota-se uma falta do ensino e atividades que possam desenvolver as habilidades com textos, trabalhos que os alunos desenvolvam a produção e a compreensão do texto, na qual, é bastante importante para contribuir na competência comunicativa. Com isso, os métodos dos professores ainda utilizam o ensino de gramática para satisfazer a escola e o currículo escolar.

Já com relação ao ensino de gramática, Bagno (2007) relata que:

[...] se for para ensinar gramática como mera repetição da doutrina tradicional [...], definitivamente não é para ensinar gramática. Se ensinar gramática for entendido como decoreba de nomenclaturas sem nenhum objetivo claro e relevante [...], definitivamente não é para ensinar gramática. (BAGNO, 2007, p. 69)

É notório que a metodologia utilizada da gramática nas escolas não traz eficácia para os alunos, em que não se trabalha a competência linguística. Com isso, o ensino de gramática é considerado desnecessário, pois a escola tem dado importância aos exercícios, às estruturas e regras gramaticais, assim, esquecendo-se

dos processos que contribuem de forma benéfica à linguagem do sujeito, ou seja, a linguagem e suas diversas formas de comunicação e o diálogo com a comunidade.

Ainda de acordo com Bagno (2007):

[...] a Gramática tradicional, como já sabemos, se preocupa exclusivamente com a língua escrita e, dentro do universo da escrita, somente com a língua dos grandes autores, dos clássicos. Com isso, mais uma vez, todo um mundo fica desprezado: o mundo da língua falada, com suas especificidades, com seus mecanismos próprios. Todos e qualquer ser humano (desde que não seja mudo) fala muito mais que escreve. (BAGNO, 2007, p. 67)

Ampliam-se, deste modo, uma crítica do autor com relação à gramática normativa, que está voltada totalmente para escrita, esquecendo-se da fala. É importante destacar que a fala surge desde do dia que nascemos, é por meio da fala que estamos automaticamente expondo nossos sentimentos, pensamentos e necessidades para o outro.

De acordo com Travaglia (2011):

Tendo em vista que todo falante nativo tem competência no uso de pelo menos uma (ou algumas) variedade(s) da língua quando chega à escola, o objetivo mais pertinente e importante do ensino de língua materna seria, como já dissemos, desenvolver a competência comunicativa desse falante, ou seja, possibilitar que ele seja capaz de utilizar, de modo adequado, variedades da língua em que ele não tem competência ou tem competência limitada, levando-o usar adequadamente cada vez um maior número de recursos disponíveis na língua para a produção de efeito de sentido. (TRAVAGLIA, 2011, p. 93, 94)

Nesse contexto, são importantes para os falantes nativos, procedimentos em que devem estar aptos para produção e compreensão de textos para que haja a produção de efeito de sentido. Com isso, é interessante o trabalho com a interação comunicativa por meio da produção de texto, pois o texto é uma forma de linguagem bastante utilizada, com o objetivo de levar o aluno ampliar no conhecimento linguístico.

3.2 GRAMÁTICA E ENSINO

É importante ressaltar que ensinar se remete a ação e/ou efeito de instruir, doutrinar e entre outras. Trata-se do conhecimento já adquirido, dos princípios e das ideias que acontece o ato de ensinar.

Nesse caso, Travaglia (2013, p. 19) relata sobre o ensino. “O ensino/aprendizagem, em qualquer circunstância, só pode acontecer a partir de uma condição básica: haver o encontro entre alguém aprender e alguém que sabe o que vai ensinar.”.

Dessa forma, implica dizer que o ensino se dá por meio do professor: aquele que ensina, e o aluno: aquele que aprende. Com isso, o ensino é a passagem de conhecimento do docente para o discente, através dos múltiplos métodos a serem aplicados.

Nesse viés, Travaglia (2013) relata outro ponto fundamental no ensino produtivo, chamado de metodologia.

[...] como um conjunto de princípios que regem nossas atividades em sala de aula para a consecução de objetivos de ensino e aprendizagem. A metodologia tem um papel importante por que é responsável por um ensino/aprendizagem mais produtivo em termos de abrangência e conseqüente maior facilitador de acesso ao que se quer aprender e ensinar, pois este é o papel básico da metodologia: facilitar o acesso ao objetivo de aprendizagem. (TRAVAGLIA, 2013, p. 19)

Assim, entende-se que a metodologia é apenas um caminho que tem como objetivo fazer com que o sujeito chegue ao conhecimento da melhor maneira possível.

A abrangência está voltada para compreensão, na qual, abarca todo o conhecimento exposto pelo o professor. Dessa maneira (TRAVAGLIA, 2013, p. 20) afirma que: “é exatamente o quanto ensinamos e permite trabalhar com o máximo de fatos de conhecimentos no tempo que dispomos.”.

Ainda de acordo com Travaglia (2013), ele relata sobre a organização do ensino/ aprendizagem como meio fundamental para a vida do sujeito.

[...] é o que vai facilitar o acesso ao conhecimento, seja de elementos teóricos, seja de habilidades. Essa organização implica que: a) se selecione o que ensina; b) se faça uma progressão entre os elementos a serem ensinados e aprendidos, [...] c) se estabeleça, por alguma razão de significado, de forma ou de função, uma inter-relação ou correlação entre elementos que são objetivo de ensino e aprendizagem. d) se detecte o que precisa ser repetido. (TRAVAGLIA, 2013, p. 20).

Nesse contexto, é importante ressaltar que organização do ensino/ aprendizagem é fundamental e presente no campo escolar. Com isso, é importante escolher o assunto, geralmente, adquirido pelo livro didático; fazer com que os

sujeitos obtenham sucesso no conteúdo exposto; por em prática a compreensão dos sujeitos e, repetir o que não foi captado pelo o aluno.

Assim, (TRAVAGLIA, 2013, p. 20) afirma que: “a seleção será feita com base naquilo que se acredita ser fundamental ensinar, para que o aluno atinja um domínio da língua em suas diversas variedades”. Com isso, é necessário que o professor selecione o conteúdo, na qual, possa contribuir de forma benéfica para a formação da língua.

Sabe-se que trabalhar dessa maneira é bastante difícil, algumas escolas tem colocado como obrigação nos professores o ensino de gramática normativa, recusando o trabalho com a variação linguística, ou seja, não há reflexões sobre a diversidade de língua.

Quanto à frequência, (TRAVAGLIA, 2013, p. 21) diz que “a utilidade que dado elemento tem nossa vida, pressupondo que o que é mais frequente tem mais probabilidade de ser usado e deve ser ensinado antes do que é menos frequente.”. Nesse sentido, o objetivo é fazer, com que os professores trabalhem conteúdos que já estejam familiarizados na vida dos sujeitos, ou seja, aquilo que é mais frequente na língua.

Já em relação a complexidade Travaglia (2013) relata sobre os professores ensinam os conteúdos dos mais fáceis para os mais difíceis, assim, o método é mais voltado para o prático. Com isso, percebe-se a facilidade de o aluno compreender o conteúdo, na qual, ele tenta associar o significado com os exemplos na prática.

No caso da extensividade (TRAVAGLIA, 2013, p. 23) revela que “quando se tem vários elementos da língua com a mesma função ou valor, umas delas aparecer na maioria dos contextos.”. Entende-se que os elementos são extensivos pelo fato de não estarem frequente na língua dos sujeitos.

Nesse viés, Travaglia (2013) relata sobre o ensino de língua de materna.

[...] nosso objetivo ao ensinar Português como língua materna, para falantes de Português, pois nossos alunos já chegam à escola usando pelo menos a variedade familiar da língua. Entre os vários objetivos possíveis para ensino de língua, nossa proposta é que o objetivo fundamental seja formar usuário competente da língua, que seja capaz de usar os diversos recursos da língua de modo adequado na construção de textos para veicular determinar significações, produzir efeitos de sentido pretendidos em situações variadas e específicas de comunicação e, ao mesmo tempo, seja capaz de compreender os sentidos veiculados pelos textos que recebe. Portanto o objetivo é desenvolver a competência comunicativa dos alunos. (TRAVAGLIA, 2013, p. 27)

Nesse sentido, é possível enxergar que ainda existe uma falta de habilidades com relação à língua portuguesa, isso se manifesta pelo alunado em diversos níveis, na qual, tem provocado muitas discussões e preocupações.

Dessa forma, cabe ao professor passar a trabalhar mais o uso da língua dos alunos, numa perspectiva que possa fazer o alunado a refletir sobre a linguagem, sempre mantendo a relação entre a linguagem e atividades do cotidiano, ou seja, nas aulas de gramática, como também, mostrar aos indivíduos as diversas variações linguísticas. É importante ir além das gramáticas, faze-lo entender que essas variações são autêntica, próprias da história e cultura do povo.

Ampliam-se, deste modo, que precisa de mudanças no ensino, algo que seja voltado para atualidade sempre relacionado à escrita e a leitura, trabalhando como os textos, como elemento fundamental para o processo de ensino, para que os alunos sejam capazes de compreender o mundo que eles vivem, como também, abrir portas para as os múltiplos espaços geográficos e a grande cultura do país.

É importante ressaltar que Travaglia (2013) ainda relata sobre trabalhar com dois tipos de gramáticas essenciais com conhecimentos linguísticos: a gramática de uso e a gramática reflexiva.

A gramática de uso, como próprio nome diz, é um tipo de atividade em que se leva os alunos a utilizar os recursos linguísticos em frases, mas principalmente em textos, tanto na produção quanto na compreensão. [...] Esse tipo de atividade afeta diretamente os mecanismo da língua que o aluno tem internalizado e que usa automaticamente. (TRAVAGLIA, 2013, p. 28)

Compreende-se, assim que a gramática de uso está voltada para um trabalho ligado ao conhecimento da língua, com isso, o objetivo é propor aulas que possam desenvolver a variação linguística por meio de textos e de leitura. Isso implica dizer que é possível trabalhar a gramática de uso, na qual, as atividades tendem a possibilitar ao aluno desenvolver as práticas da língua que se utiliza frequentemente e as que são internalizados.

Já a gramática reflexiva, (TRAVAGLIA, 2013, p. 29), “é um tipo de atividade que trabalha essencialmente com a significação dos recursos linguísticos e sua utilização em situações específicas e concretas de interação comunicação.”.

Esse tipo de gramática tende a desenvolver a prática comunicativa, possibilitando, a tentativa de interagir a língua tem como objetivo comunicar com os

demais falantes. Como também, propõe reflexões na área da semântica e da pragmática. Assim, nota-se análises sobre os enunciados da língua, como também, sua importância é na formação da utilização.

Travaglia (2009) vem relatar mais informações sobre a gramática reflexiva.

A gramática reflexiva [...] é uma gramática em explicitação, que surge da reflexão com base no conhecimento intuitivo dos mecanismos da língua e será usada para domínio consciente de uma língua que o aluno já domina inconscientemente. [...] Sabemos que cada falante adquire e internaliza a língua em uma de suas variedades: aquela que é predominante em seu meio; por isso, propugnamos que nosso objetivo como professores de Português para falantes nativos não é fazer com que adquiram a língua, como no caso do ensino de língua estrangeira, mas ampliar sua capacidade de uso dessa língua, desenvolvendo sua competência comunicativa por meio de atividades com textos utilizados nas mais diferentes situações de interação comunicativa. (TRAVAGLIA, 2009, p. 142)

Compreende-se, assim, que a gramática reflexiva também está voltada para procedimentos da língua, numa perspectiva linguística, na qual, nem sempre está direcionado para os sujeitos dominantes de fala, mas sim, para os que ainda não dominam. O foco é fazer com que os sujeitos possam aprender novas habilidades linguísticas, como também, podendo desenvolver a comunicação por meios de aulas produtivas, ou seja, utilizando do texto como recurso fundamental.

Dessa forma, Travaglia (2013) traz as concepções e gramática, em que, uma delas será fundamental para o trabalho.

Gramática é um mecanismo da língua que está em nossa mente e que nos permite usar a língua em situações de interação comunicativa. É, portanto, uma gramática internalizada. Esse mecanismo representa o conhecimento linguístico não explícito que temos e é com ele que dizemos o que queremos e compreendemos o que os outros nos dizem, usando-o automaticamente. (TRAVAGLIA, 2013, p. 32)

Nessa concepção, a gramática é algo que antecede qualquer começo de escolarização ou processo de aprendizagem de fala. Assim, este mecanismo é ligado ao conhecimento do sujeito detectar e internalizar as regras da gramática da língua, usando-as de acordo com o que é aceito por meio da interação comunicativa no qual o sujeito participa.

Já na concepção da gramática descritiva, Travaglia (2013) pode ser conceituada dessa forma:

Gramática descritiva ou teoria linguística ou gramatical que busca dizer como é o mecanismo da língua, como a língua é constituída e como funciona. Esta gramática será pouco usada como objetivo de ensino nas salas de aula, principalmente nas primeiras séries, mas seu conhecimento pelo professor é importante para que ele possa selecionar o que ensinar e saber organizar o ensino. (TRAVAGLIA, 2013, p. 32, 33)

Dessa forma, pode-se constatar que esta concepção tem como objetivo mostrar como é a desenvoltura da língua num determinado momento e como ocorre todo processo fala. É através da gramática descritiva que o professor pode abranger conhecimentos para o ensino de língua. Já (TRAVAGLIA, 2009, p.32) afirma sobre a gramática descritiva que: “a gramática descritiva trabalha com qualquer variedade da língua e não apenas com a variedade culta e dá preferência para a forma oral desta variedade.”. Nesse contexto, é essencial dizer que a gramática descritiva está voltada para uma perspectiva, em que prioriza as variações linguísticas pela comunicação que há entre os sujeitos.

Já na gramática normativa ou gramática tradicional, como é bastante conhecida, Travaglia (2013) diz:

Gramática normativa que nos dá as regras sociais de uso da língua e suas variedades. Hoje a gramática normativa não se reduz apenas dizer como é a norma culta ou, como se tem dito, norma urbana de prestígio, mas nos ensina quando se pode e/ou se deve usar cada variedade da língua. (TRAVAGLIA, 2013, p. 32, 33)

Nota-se que a gramática normativa são as que recomendam a forma considerada correta de como o português deve ser escrito e/ou falado. É por meio delas que se reconhecem as regras de concordância, flexão e as colocações das palavras, ou seja, frases, pronúncia e acentuação. Já (GERALDI, 2012, p. 47) afirma que “o termo gramática designa um conjunto de regras que devem ser seguidas por aqueles que querem falar e escrever corretamente. Nesse sentido, pois, gramática é um conjunto de regras a serem seguidas.”. Compreende-se que esse tipo de gramática é aquela que estamos acostumados a presenciar nas aulas de língua portuguesa, principalmente na rede pública de ensino.

A gramática normativa é completa no que diz respeito a falar e escrever correto, é aquela que podemos utilizar com confiança para ter uma boa habilidade nas práticas orais e escritas, pois se precisa de um conhecimento sobre os conteúdos da gramática.

3.3 ERROS E ACERTOS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

É importante ressaltar sobre o preconceito linguístico, nada mais é, do que um preconceito pelas as diversas linguagens existentes na mesma língua. Com isso, é notória a divisão das classes sociais por meio da forma que se fala. Bastante presente na atualidade, o preconceito linguístico tem sido impulsionado para a exclusão social.

Dessa forma, Vieira e Brandão (2014) relatam que:

O preconceito linguístico, a partir de então, tornou-se mais evidente em sala de aula. Diversos usos populares, a despeito de serem historicamente manutenções do português transplantado para o país, assumiram caráter de estigma social. [...] Começou, assim, mormente na década 1970, sob o apadrinhamento da ditadura militar, a multiplicação de faculdade que passavam a lançar no mercado de trabalho centenas de profissionais, digamos, não tão bem preparados. (VIEIRA e BRANDÃO, 2014, p. 33)

Dessa forma, o preconceito linguístico começou a aparecer nas escolas, devido à utilização de regras que são impostas pelo o ensino de gramática tradicional. Com isso, é notável o despreparo dos sujeitos para ensino, em que não estavam totalmente aptos para trabalhar com pessoas que provavelmente não tinham conhecimento na leitura e tampouco na escrita.

Assim, Bagno (2012) diz sobre o que é realmente o preconceito linguístico.

[...] muitas pessoas das camadas dominantes da sociedade consideram que os pobres, os analfabetos, os habitantes da zona rural (e, em alguns lugares, as mulheres, os jovens, os negros, os judeus, os imigrantes, etc.) não sabem falar, têm vocabulário pobre e são incapazes de raciocínio lógico. É a expressão mais clara e vigorosa do preconceito linguístico. (BAGNO, 2012, p. 96)

Compreende-se, assim que os indivíduos que não falam o português de forma correta são considerados não dominantes da língua e, constantemente, passam a ser discriminado pela sociedade. Com isso, acaba tornando os sujeitos frustrados ou tímidos, quando assunto é ato de fala, podendo ocorre em qualquer lugar.

Assim, Vieira e Brandão (2014) relatam sobre os procedimentos que geralmente são utilizados para aprender o português, com isso, houve o prejuízo na

arte de falar e escrever corretamente. Dessa forma, sempre utilizando dos manuais ortográficos.

Nesse viés, o autor faz uma crítica aos critérios exigidos pelas escolas e professores, possibilitando o alunado ter mais complexidade na hora da aprendizagem da gramática. Com isso, percebe-se que foi através desses procedimentos que tem a intenção de melhorar o desempenho de fala e escrita, identificando o que está correto e errado.

Nesse sentido, Vieira e Brandão (2014) dizem que:

Chamar isso de erro só faz algum sentido, ainda que precário, quando, em contexto de treinamento da variedade da escola, é apresentado como algo que se afasta da convenção, da combinação artificial de uso que assumimos na gramática tradicional geral. (VIEIRA e BRANDÃO, 2014, p. 34)

Dessa forma, nos dá o parecer que o erro só acontece em determinadas situações quando a problematização está dentro do campo escolar, nos estudos de busca de uma fala e/ou escrita padrão. É importante destacar que esses tipos de procedimentos, fazem com que os alunos tenham conhecimentos gramaticais, observadas em diversos contextos, sejam eles, na fala ou na escrita. Outro ponto importante, é que o erro é considerado pelo fato do aluno está mais familiarizado com uma linguagem que é usada no cotidiano.

Porém, Vieira e Brandão (2014) não descarta totalmente o ensino da gramática normativa.

Assim sendo, podemos ensinar regras tradicionais, que poderão até ser cobradas em concurso que queriam testar o grau de conhecimento do padrão escolar, mas se confundirmos essas mesmas regras com o que é considerado bom na língua reduziremos um universo de possibilidades expressivas a um simples recorte de certos usos. O ensino de língua não pode seguir a lógica do menos. (VIEIRA e BRANDÃO, 2014, p. 34)

Compreende-se, assim que não se deve excluir o ensino da gramática normativa, pois serão bastante utilitárias para as provas de concursos, publicações, argumentação e entre outras. O interessante é que o sujeito saiba adequar sua linguagem no campo social ou com o grupo, no qual, está inserido.

Dessa forma, Cagliari (2008) afirma que:

Para a escola, infelizmente, a variação linguística é vista como uma questão gramatical, de certo e errado. [...] Se a escola não entender esses fatos corretamente, cometerá grandes injustiças com os alunos. Ninguém fala o português, fala diferentemente. Todos os falantes sabem disso por experiência própria, só a escola insiste em ver as coisas erradamente. (CAGLIARI, 2008, p. 36)

É notório que as escolas consideram as variações linguísticas como algo que esteja fora dos padrões que são postas pela gramática. É interessante que haja nas instituições, métodos que possam trabalhar as diversidades linguísticas, assim, ampliando o conhecimento do sujeito com relação à língua.

O autor deixa bastante evidente que todos os seres humanos têm noções de mudanças entre um sujeito e outro, com isso, mostra o quanto a escola possui métodos retrógrados, e vivem, até sem querer, há cometer alguns erros.

Dessa forma, Vieira e Brandão (2014) dizem que:

Para efetuarmos uma ponderação avaliativa do tipo certo e errado, precisamos ter consciência dos saberes envolvidos nas respostas possíveis. Não adiantará responder que está errado e mostrar a regra em uma gramática tradicional qualquer, se o aluno pode encontrar uma outra gramática que apresente o problema tratado diferentemente. (VIEIRA e BRANDÃO, 2014, p. 37)

Nesse processo, percebe-se que, o que é considerado errado e o certo pelas gramáticas nem sempre estarão totalmente válidos, com isso, é importante, destacar que o professor deve estar apto a ter conhecimento e repassar os diversos procedimentos da língua para que haja bons resultados entre os alunos.

Já, Vieira e Brandão (2014) relatam que:

É o saber social da língua, recebido primeiro no âmbito familiar e, depois, ampliado na rede de convívio social que se prolonga ao alcance do circuito humano mais próximo, formando nossa memória afetiva e identidade cultural do grupo. [...] É a base linguístico-cultural que interagirá com a tradição escrita encontrada na escola, na leitura e nos espaços de oralização da escrita. (VIEIRA e BRANDÃO, 2014, p. 37)

É importante ressaltar que a língua é social, pertencendo a um conjunto de pessoas, nas quais, podem exercer diante da fala do sujeito. Com isso, a língua inicia seus primeiros passos com a família, logo em seguida, o sujeito amplia sua comunicação por meio das interações com a comunidade, assim, construindo sentimentos e a personalidade do grupo que está inserido. Nota-se com frequência, que a diversidade linguística será uma das primeiras coisas que estará presente no

campo escolar, assim, o alunado passará a utilizar nas tarefas colocadas pela escola.

Ainda de acordo com Vieira e Brandão (2014):

É importante não esquecermos que toda comunidade conta, em seu saber linguístico, com uma norma padrão independente da norma padrão da escola. [...] Quer dizer, todo grupo humano constrói um ideia de linguagem especial, cuidada, vigiada, para quaisquer eventos sociais que estejam sentidos como importantes. A tradução dessa ideia em usos linguísticos geralmente se espelha em algum gênero textual ou fala de determinado segmento ou função social. [...] os falantes não tinham norma padrão para a escrita, mas isso não impedia a presença da noção do bem escrever. Da mesma forma hoje, se abolíssemos completamente o ensino de gramática na escrita, a sociedade continuaria vivendo com as diversas normas padrão praticadas. Língua é variação no uso e na normatização. (VIEIRA e BRANDÃO, 2014, p. 38)

É notório que todos os falantes possuem dentro de si mesmo um padrão, com relação à fala. Com isso, é perceptível alterações nas falas dos indivíduos quando entram em determinadas situações de grande importância, assim, sua base é formada por textos. Um exemplo básico é quando um sujeito que não possui uma aprendizagem adequada precisa falar com um advogado, são notáveis alterações na fala do sujeito. Essas alterações são resultados de textos lidos, ouvidos e entre outros.

Já com relação à escrita, nota-se que mesmo sem a utilidade da gramática é possível habilidade de uma boa escrita por meio das normas que já foram utilizadas. O autor frisa que a linguagem, mesmo seguindo as normas, ela também, poderá variar.

Neste caso Vieira e Brandão (2014), voltam-se para uma perspectiva descritiva e afirmam que:

[...] a distância entre o que se normalmente e o prescrito sempre será grande porque se trata da distância entre artificial e o natural. [...] é incomum encontramos erros de gramática mesmo em escritores portugueses, pois, apesar de a gramática ter escolhido uma de suas variantes de uso como padrão, suas outras variantes continuaram existindo. (VIEIRA e BRANDÃO, 2014, p. 38, 39)

É importante destacar que a gramática de perspectiva descritiva possui regras que são essenciais para todas as línguas. Essas normas são prescritivas com o intuito de que os sujeitos possam utilizar e adequar nas diversas situações de comunicação seja ela, na escrita ou na fala. É notável que, neste caso, pode utilizar

o método do certo e errado, assim, por estar voltado para as normas que, geralmente, não são aplicadas, e são consideradas como violação, gerando um limite posto pela sociedade.

E (CAGLIARI, 2008, p. 37) afirma que: “as obras literárias trazem de tudo, inclusive os aspectos não-lógicos, o incompleto, o confuso etc. e, por incrível que pareça, por isso mesmo às vezes serão considerados obras de artes.”. Dessa forma, o autor considera as obras literárias como arte, devido ao não seguimento do padrão, mas, não esquece que esses seguimentos não permitindo pelo o aluno, assim, surgindo o preconceito linguístico.

Cagliari (2008), relata sobre a escola e a linguística:

A escola não pode tomar a atitude linguística de que vale tudo, de que não existe o certo e o errado, porque tudo comunica. [...] Portanto, a escola tem que fazer do ensino de português uma forma de o aluno compreender melhor a sociedade em que vivemos, o que ela espera de cada um linguisticamente e o podemos fazer usando essa ou aquela variedade do português. (CAGLIARI, 2008, p. 48)

Pode-se entender que não existe uma exclusão da gramática normativa e tampouco o aceite de qualquer falar na língua, mas sim, a escola está preparada para melhorar o desempenho linguístico dos alunos, ou seja, o professor deve levar para sala de aula a diversidade linguística, assim, mostrando que a linguagem culta pode ter variações, em que o alunado deve compreender e utilizar na sociedade.

Dessa forma (BAGNO, 2007, p. 62) relata que “todas as noções de certo e errado que circulam na sociedade são invenções humanas, demasiadamente humanas.”. Nesse viés, é importante relatar que o que é considerado erro e/ou acerto, vão surgindo constantemente devido o ensino tradicional. Com isso, as variações linguísticas são bastante criticadas por aqueles que não conhecem ou não aceitam as teorias linguísticas.

4 A LINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUNS ASPECTOS

Neste capítulo, apresentamos uma breve análise de um livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio, tendo como objetivo compreender como as

propostas de estudos gramaticais se efetivam, nesse nível de ensino. O livro escolhido “Português: Linguagens”, de autoria de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães apresenta uma proposta inovadora, pois, segundo os autores “pretende ajudar o aluno na desafiante tarefa de resgatar a cultura em língua portuguesa, nos seus aspectos artísticos, históricos e sociais e, ao mesmo tempo, cruzá-la com outras culturas e artes” (CEREJA e MAGALHÃES, 2013, p. 03).

Para cumprir o proposto, a coletânea de três volumes, correspondentes aos três anos do Ensino Médio, foi organizada através de atividades sistematizadas e roteiros de leitura que dão suporte não só às leituras verbais como também as não verbais, como o cinema e a pintura. Assim, o material prepara o aluno para os desafios do Exame Nacional do Ensino Médio e vestibulares, pois dar suporte para que produza diferentes gêneros textuais orais e escritos como seminário, debate, relatório científico, carta argumentativa de reclamação, poema, anúncios publicitários, entre outros. Os autores afirmam, no prefácio, que objetivam ajudar o aluno “a compreender o funcionamento e a fazer o melhor uso possível da língua portuguesa, em suas múltiplas variedades, regionais e sociais, e nas diferentes situações sociais de interação verbal” (CEREJA e MAGALHÃES, 2013, p. 03). Verifiquemos, então, como eles propõem orientar o aluno a obter essa compreensão.

Dentre os três livros da coleção, selecionamos o do 1º e o do 3º ano, por considerar importante analisar a proposta para o início e para o final do Ensino Médio. Assim, apresentamos uma descrição analítica de pontos considerados relevantes para os objetivos a que nos propomos.

Na unidade, o capítulo três, fala sobre o ensino de linguagem, interação e comunicação, os procedimentos linguísticos iniciam, no livro, por meio de atividade no intuito de que haja a interpretação de texto para promover conhecimento sobre a comunicação. A abordagem do conceito é dada pelas definições de cada item e com pouco uso dos gêneros textuais. É importante destacar que ao tratar de língua, os autores apresentam em um pequeno espaço sobre a quantidade de línguas no país e sobre o signo linguístico. Ao se tratar das funções da linguagem, enxergamos que cada item possui um gênero textual diferente para trabalhar determinada função, na qual, tenta ajudar a desenvolver as habilidades entre o texto e o contexto. Seguem-se exercícios que são trabalhadas por meio de cada item, assim, analisamos de modo geral, e vimos que as atividades estão utilizando dos diversos gêneros

textuais, em que tem como objetivo trabalhar a interpretação, voltada para uma abordagem contextualizada.

Já no capítulo sete, está voltado para o ensino das variações linguísticas, observamos que os autores dão início pelo o poema de Patativa do Assaré para interpretação e explicação das variações linguísticas, assim, o objetivo é fazer com que os alunos possam reconhecer às diversidades linguísticas no contexto e compreender as variedades que são utilizadas no poema, como também, abranger os conhecimentos pela atividade. Na seção “Conceituando”, temos informações sobre as variedades linguísticas, assim, é importante destacar que os autores utilizam boxes para informações sobre todas as diversidades de língua regional, a norma-padrão e a escola, e a língua como uma expressão grupal. No conteúdo de diálogo e registro, as gírias são exemplificadas por meio dos textos, na qual a intenção é abranger os conhecimentos dos alunos no determinado tópico. É interessante fazermos destaque na parte dos exercícios, em que encontramos na primeira atividade, questões reflexivas, porém, evidenciamos que na última questão está voltada para a abordagem da metalinguagem, na qual, se utiliza da linguagem para explicar o quesito proposto. Na próxima atividade, também relacionado à variação linguística, observamos que as atividades contextualizadas, como também, utilizado foi o procedimento da metalinguística, em que os alunos terão que fazer os exercícios na tentativa de haver a fixação do conteúdo. Para a atividade de construção de texto, observamos apenas questões de interpretação textual e na atividade de semântica e discurso uma questão de metalinguística pelo uso do verbo: reescrever e a última é de interpretação de texto.

No capítulo nove, são trabalhadas as figuras de linguagem, observamos que, de início ocorre a interpretação de texto através do poema e, em seguida, a atividade. Os conceitos e exemplos das figuras são expostos de forma contextualizada, com a finalidade de que haja um reconhecimento e reflexão das figuras de linguagem para a construção de sentidos dos textos. Dessa forma, podemos evidenciar que os autores destacam dessa vez, informações sobre a ironia em outras línguas. No primeiro exercício, notamos atividades contextualizadas, porém, no segundo exercício apresenta questões do método metalinguístico, ou seja, questões de fixação de conteúdo, assim, os autores, não se esquecem de retornarem a velha postura conservadora, ou seja, questões voltadas para tradicionalismo. Para as atividades de construção de texto são questões de

interpretação de texto pelo gênero anúncio e na atividade de semântica e discurso, também são voltadas para a interpretação do texto.

Na unidade 2 do capítulo três, temos o conteúdo voltado para o texto e discurso-intertexto e interdiscurso. Com isso, observamos de início que o trabalho está voltado para a interpretação do anúncio e uma atividade. Na parte de conceitos, observamos que todos os conteúdos abordados são de caráter reflexivo, apesar disso, outros, são apenas por classificações. No livro, os exercícios não diferem dos outros citados acima, o primeiro é contextualizado por meio do anúncio com a finalidade de propor ao alunado reflexões sobre as questões. Os autores utilizam mais uma atividade no item de textualidade, coerência e coesão, em que se trabalha a interpretação do texto e o uso da metalinguagem. No terceiro, vimos também atividade contextualizada e os usos dos procedimentos da metalinguística pelo o verbo: identificar, em que pretende haver a transmissão do conteúdo, nas atividades de construção de texto, temos questões de abordagens reflexivas dentro do conteúdo proposto e a atividade de semântica e discurso, apenas para a interpretação do anúncio.

No capítulo seis, encontramos a introdução à semântica, assim, vimos que no início trabalha a interpretação do poema e, em seguida, a atividade. A explicação é contextualizada, pois os estudos estão voltados para os aspectos relacionados ao sentido de palavras e enunciados. Com isso, as questões do primeiro exercício estão voltadas para o procedimento da metalinguística, ou seja, direcionada para uma metodologia tradicional, porém, as demais questões são voltados para procedimento contextualizado; no segundo exercício, encontramos questões com o uso dos verbos em algumas questões como: identifique, classifique, transcreva e reescreva, ou seja, de abordagem de metalinguística, como também, vimos questões contextualizada, na atividade de construção de texto, detectamos atividades para a interpretação do poema e na atividade de semântica e discurso utilizou-se de uma abordagem normativa, como também, não deixou de priorizar as questões contextualizadas.

Para a terceira unidade no capítulo três, encontramos estudos voltados para os conteúdos: fonemas, sílabas, encontros consonantais, dígrafos e encontros vocálicos. De início, encontramos a interpretação do poema, em seguida a classificação e explicação de cada item. Notamos a presença dos gêneros textuais em alguns tópicos, porém, nos itens de encontros vocálicos e encontros

consonantais, os autores não utilizam o texto. No decorrer do livro didático, no primeiro exercício, observamos a presença do texto para fazer a reflexão e compreensão nos alunos, porém, as questões são elaboradas numa perspectiva da metalinguística para a fixação de conteúdo. Para o próximo exercício, temos na primeira questão, a utilização de abordagens normativas. Nas atividades de construção de texto e semântica e discurso encontramos atividades voltadas para o texto, na qual, se trabalha a interpretação de um anúncio e de um poema.

No capítulo seis, serão trabalhados assuntos voltados para a ortografia sem a presença dos textos, apenas, classificações e muitas atividades em cada item. Apenas no início ocorre a interpretação de texto, logo se tem a presença da atividade. No primeiro exercício, voltado para emprego do j ou g, não possui contextualização, utilizando apenas do método de abordagem normativo, ou seja, o uso da metalinguística é voltado para as duas primeiras questões, usando o verbo: reescrever. Na segunda atividade, voltado para o emprego do x ou ch, as primeiras questões estão voltadas para o procedimento normativo, porém, na segunda questão, o gênero tirinha é colocado como atividade prática para identificar as letras que faltam nas palavras, de acordo com as normas ortográficas. Para a terceira atividade, o conteúdo é o emprego s ou z, os autores disponibilizam questões de abordagem normativa, porém, na questão quatro, o texto está exposto para que haja a reescrita de palavras com x, ss, ch, z e entre outras e, por fim, na questão seis e sete, observamos questões reflexivas, na qual, é utilizada pelo o gênero tirinha.

Ainda de acordo com o livro didático, nos exercícios voltados para as questões notacionais da língua, enxergamos atividades contextualizadas, através de um pequeno texto e tirinha, como também, utiliza dos procedimentos normativos. Já para contribuir no conteúdo do emprego da palavra “porque”, encontramos a presença do texto, porém, é utilizado questão de perspectiva metalinguística. Na atividade de parônimos e homônimos, observamos apenas abordagens normativas. E na questão para a divisão de sílabas, detectamos uma questão contextualizada e outra, de abordagem normativa. Nas atividades de construção de texto e semântica e discurso, observamos questões que desenvolvem habilidades reflexivas por meio dos diversos gêneros textuais.

No capítulo nove, trabalham a expressão escrita: acentuação, assim, observamos a interpretação do texto é colocada no início, antes de partir para a conceituação. Detectamos que não possui contextualização na parte de conceitos,

ou seja, ainda é voltada para métodos tradicionais. Além disso, os exercícios, as atividades de construção de texto, semântica e discurso, encontramos uma mistura de abordagens, tanto tradicional, por meio do uso de procedimentos de metalinguagem e metalinguística, como também, questões contextualizadas.

Para a unidade quatro do capítulo três, observamos que o livro está voltado para a estrutura de palavras, trabalhando os morfemas. Dessa forma, notamos no início a interpretação textual e uma atividade, porém, dentre a abordagem do conteúdo, não notamos a presença dos textos para as definições, são colocadas de forma isoladas. Já, no primeiro exercício, notamos a presença do texto. As questões são voltadas para a perspectiva de metalinguística, ou seja, de abordagem normativa. Nas atividades de construção de texto são voltados para a interpretação do texto relacionado ao conteúdo e nas atividades de semântica e discurso há uma mistura de questões contextualizadas e de abordagens normativas.

Para o último capítulo do livro didático de português, são trabalhados a estrutura de palavras, neste caso, o início é por meio da interpretação de texto e uma atividade, porém, na parte de conceituando, não vimos à presença do texto, apenas alguns itens são contextualizado; na parte de composição e onomatopeia, os demais são totalmente voltados para um processo tradicionais. Já na parte das atividades, notamos que a primeira atividade todas as questões é voltada para o texto, porém, a última questão é de abordagem normativa. Já nas atividades de construção de texto e, semântica e discurso, são todas contextualizadas, ou seja, utilizando os diversos gêneros textuais, assim, são usados: a reportagem, a tirinha, a canção e o anúncio.

No livro português: linguagens do 3º ano do ensino médio, percebemos, de modo geral, que na parte de língua: uso e reflexão, na qual, é intitulada para desempenhar os procedimentos gramaticais, observamos que na parte da gramática existe uma mistura entre os métodos normativos, com também, a presença de atividades contextualizadas, revelando os trabalhos com o uso diversos gêneros textuais valorizando a análise gramatical.

Dessa forma, na unidade um do capítulo cinco, observamos que no início do conteúdo é feita a contextualização por meio do anúncio e algumas questões com intuito de haver a compreensão e reflexão sobre a subordinação. Na parte da definição, notamos a presença de procedimentos tradicionais, ou seja, apenas classificações das orações principais e a orações subordinadas. Na parte do

conteúdo das orações subordinadas reduzidas, são colocadas de forma contextualizada por meio do gênero: canção. Já, o primeiro exercício é voltado para o trabalho com uso dos diversos gêneros textuais, na segunda atividade, possui questões ligadas ao anúncio, no entanto, sua última questão é ligada ao método tradicional, em que se pede a classificação subordinada substantiva. Na atividade para a construção de texto são contextualizadas e reflexivas e, na atividade de semântica e discurso, a primeira questão é voltada para um trecho da canção e a segunda é usada o método da metalinguística, por meio do verbo: reescrever.

Já no capítulo sete, notamos que no início tem a interpretação de texto para trabalhar a reflexão, como também, são trabalhadas as funções sintáticas e os períodos por subordinação através da atividade. A definição do período composto por subordinação é colocada, de início, de modo contextualizado. Entretanto, no item, valores semânticos das orações adjetivas, notamos que são utilizados procedimentos tradicionais. Para diferenciação das orações subordinadas substantivas das adjetivas é utilizado o trecho de uma tirinha. Nas funções sintáticas do pronome relativo, a explicação é dada por meio do anúncio. O primeiro exercício está ligado aos vários gêneros textos, apesar disso, sua última questão é voltada para o procedimento normativo. Para o segundo exercício, encontramos questões voltadas para o gênero tirinha, e sua última questão é dada, por meio de abordagem normativa, em que pede para o alunado fazer a transformação dos pares de orações em um período composto.

Na segunda unidade o capítulo três, temos o período composto por subordinação: as orações adverbiais. É iniciado pela interpretação do anúncio, na qual, possui uma atividade que trabalha tanto a reflexão dos alunos, como também, o valor semântico e as orações subordinadas que há no texto. A abordagem do conteúdo inicia de modo tradicional, e só no final da explicação tem a presença do texto, por meio do anúncio. Quando se trata dos valores semânticos das orações adverbiais, notamos que a maioria é voltada para uma perspectiva tradicional, ou seja, classificação por enunciados; apenas no item da comparação é dado, de forma contextualizada. No item das orações adverbiais reduzidas, também utilizam de procedimento tradicional. No primeiro exercício proposto pelo livro, os autores utilizam em todas as atividades, de modo contextualizado, por meio de anúncio, trecho de poema, tirinha, contudo, apenas uma questão é de método tradicional. Nas atividades de contração de texto e semântica e discurso, encontramos questões

contextualizadas e reflexivas, na qual, são trabalhados por meio dos diversos tipos de textos.

No capítulo seis, sobre o período composto por coordenação: as orações coordenadas, também são iniciadas por meio do anúncio, em que encontraram questões reflexivas. A maioria da conceituação é pelo método tradicional, e apenas nas nomenclaturas, como alternativas e explicativas são contextualizadas. É importante destacar que os autores disponibilizam no livro a diferença entre as orações coordenadas explicativas e as adjetivas causais, também de modo tradicional, apesar disso, no item das orações intercaladas, encontramos uma explicação voltada para o texto. No primeiro exercício, os autores priorizam a contextualização em todas as questões e apenas a última questão é pelo o método da metalinguística. No exercício para a construção de texto, encontramos perguntas voltadas para os textos, já sua última questão é de procedimento da metalinguagem. Na atividade de semântica e discurso temos questões reflexivas, como também, de abordagem da metalinguística, por meio do verbo: reescrever.

Para o capítulo oito, o livro apresenta estudos para a pontuação. De início, a construção do conceito é voltada para uma metodologia contextualizada entre o anúncio e o exercício. Para a explicação dos assuntos sobre a vírgula, ponto e virgular, ponto e ponto de exclamação, são utilizados pelas abordagens tradicionais. É necessário evidenciar que o livro usa o anúncio para revelar quando não se emprega a vírgula. Nos itens, ponto de interrogação, dois pontos, aspas, parênteses e travessão são colocados através dos procedimentos contextualizados. Já no item, reticências, há uma mescla de abordagens tradicionais, como também, de forma contextualizada. O primeiro exercício é contextualizado e reflexivo, por meio de tirinhas, anúncios, trechos de poema e poesias. É importante ressaltar que na atividade de construção de texto, as questões são relacionadas ao anúncio, na qual se trabalha a interpretação de texto, como também, utiliza do procedimento da metalinguagem, e na atividade de semântica e discurso, encontramos questões relacionadas ao texto e questões com o uso do método da metalinguística.

No capítulo dois da terceira unidade é trabalhada a concordância verbal, os autores iniciam o assunto com a interpretação do poema, tendo questões reflexivas e pela perspectiva de metalinguística, ou seja, tradicional. No início da conceituação, é dada de modo voltado para a linguagem, na qual, apresenta dois exemplos que são aceitos: um pela linguagem e outro voltado para regras sistematizadas. O livro

deixa claro que o aprendizado da concordância verbal em grande parte do uso é por meio do procedimento sistematizado através da língua, em outros casos, pela constantes consultas nas gramáticas, ainda na conceituação, observamos que possui procedimentos normativos e são colocados de forma alternada no livro, na qual, se trabalham as diversas classificações da concordância do verbo; apenas no início do item da concordância do verbo “ser” é contextualizado, porém, para a classificação do mesmo, é voltado para uma abordagem tradicional. Os exercícios também são alternados, os autores trabalham de acordo com aprendizagem dos alunos. Neste caso, o primeiro exercício é contextualizado, em que se trabalha o conteúdo e a reflexão dos alunos, no segundo é voltado para método tradicional, ou seja, utiliza o procedimento metalinguística pelo o uso do verbo: reescrever, no terceiro, na qual, é intitulado por casos especiais, é todo voltado para os textos, na qual, se trabalha a interpretação do texto e o conteúdo proposto. Na atividade de construção de texto é trabalhada a interpretação e na atividade de semântica e discurso é reflexivo e possui abordagem de metalinguagem.

No capítulo quatro, no qual se trabalha a concordância nominal, observamos que os autores utilizam do gênero textual tirinha para abordar o conteúdo da concordância nominal, porém, no segundo exemplo, utiliza uma abordagem tradicional, em que se trabalham os artigos, pronomes adjetivos, numerais e participios. A primeira atividade faz um mescla de questões reflexivas e de abordagem normativa, na atividade de semântica e discurso, encontramos uma questão de abordagem tradicional, como também, os autores não esquecem nas demais questões, o trabalho para a interpretação de texto.

Para a unidade quatro no capítulo três são trabalhadas as regências verbal e a nominal, de início temos a canção para desempenhar habilidades reflexivas e o exercício. No conteúdo da regência verbal, notamos abordagens tradicionais, por meio de frases isoladas. Já na regência nominal, notamos de início a presença do texto, porém, em seguida, é colocado um quadro apresentado nomes e preposições que geralmente são utilizados. No primeiro exercício, temos questões contextualizadas, por meio, do gênero tirinha e na última questão usa do procedimento da metalinguística. Para o assunto “crase”, os autores utilizam dos anúncios para exemplificar o conteúdo de modo contextualizado, porém, nos últimos exemplos, são de procedimentos normativos. O segundo exercício é todo de modo contextualizado, como também, utiliza de abordagem da metalinguística. Na

atividade de voltada para a regência na construção de texto, temos atividades que objetivam abordar a interpretação de textos e na atividade semântica e discurso, temos questões reflexivas e o uso do método da metalinguística.

No capítulo seis, são apresentados à colocação pronominal, em que de início temos o anúncio para trabalhar a reflexão dos alunos por meio da atividade. Na parte de conceituando, encontramos abordagens tradicionais em todo assunto de colocação pronominal, como também, é interessante evidenciar, uma pequena explicação para a colocação verbal no português brasileiro e no português lusitano. No primeiro exercício, temos questões contextualizadas e as duas últimas utilizam os procedimentos de metalinguística, no segundo possui uma questão de acordo com o texto e a outra voltada para a norma padrão. Na atividade de construção de texto, questões voltadas para o gênero textual tirinha, porém, a última questão é de perspectiva da metalinguagem. Na atividade semântica e discurso, observamos, atividades relacionadas ao texto e a última é voltada para o tradicionalismo, na qual se pede a significação de palavras destacadas.

Dessa forma, é notório que o livro didático é considerado como um mecanismo fundamental que serve de suporte para o ensino, porém existem discussões sobre o ensino de regras contextualizado. Assim, como observamos no livro, mencionamos como avanço a abordagem de alguns conteúdos voltados para o texto, como também, na maioria das atividades.

A obra está voltada para as questões linguísticas, na qual, tenta promover no alunado as reflexões sobre a língua e seu funcionamento. O livro é dividido por capítulos ligados ao ensino (literatura, produção de texto, língua: uso e reflexão, e interpretação de textos), com isso, a divisão é feita de acordo com o ensino de língua materna.

É importante destacar, que na parte gramatical, na qual, está nomeada por língua: uso e reflexão, os conteúdos estão relacionados à linguística, semântica, análise do discurso, como também, as regras que são vistas pela gramática normativa.

Nesse viés, Bagno (2001, p. 119) afirma que “o ensino da gramática normativa mais estrita, a obsessão terminológica, a paranoia classificatória, o apego à nomenclatura - nada disso serve para formar um bom usuário da língua em sua modalidade culta.” Assim, entende-se que para a constituição da fala culta

não é necessário ensinar as nomenclaturas impostas pela gramática normativa, seria interessante serem trabalhadas as diversidades de fala.

No livro, encontramos o ensino de linguagens por meio dos gêneros textuais, com isso, Bakhtin (1997) afirma que:

É preciso dominar bem para empregá-los livremente [...] Quanto melhor dominamos os gêneros tantos mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 282, 285)

Compreende-se, assim que é possível detectar que existe uma necessidade dos sujeitos compreenderem que os gêneros textuais também são importantes para a comunicação, assim, se constitui a competência comunicativa. Dessa forma, como foi destacado no livro de português, há um progresso, pois se trata de aulas do ensino de linguagem por meio de textos, ou seja, por meio da estratégia linguístico-textual. Nota-se uma metodologia que valoriza as diversidades de fala de cada aluno, como também, o uso da sociolinguística nas aulas de língua portuguesa.

Ainda de acordo com o livro didático, vimos que os autores destacam um capítulo para os estudos sobre as variações linguísticas. Com isso, Viera e Brandão (2014) relata sobre as variações que possuem no Brasil, ele diz que:

A variação existente hoje no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falantes, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais, nos diferentes períodos da nossa história. São fatos dessa natureza que demonstram que não se pode pensar no uso de uma língua em termos de “certos” e “errados” e em variante regional “melhor” ou “pior”, “bonita” ou “feia”. (VIERA e BRANDÃO, 2014, p.17).

Sob tal enfoque é possível perceber que a variação linguística nos faz ter noção da diversidade de falas, isso, se dá desde o surgimento da linguagem até os dias atuais, sejam eles, pertencentes a grupos étnicos ou grupos sociais. Dessa maneira, é necessário que os professores possam conhecer e trabalhar a diversidade de fala que cada aluno possui.

É importante ressaltar que a língua produz mudanças com o decorrer do tempo, assim, apresentando traços particulares de seu uso em determinadas comunidades. Com isso, o professor, como responsável pelo ensino de língua

portuguesa, deve colocar em prática metodologias voltadas para as abordagens da diversidade de fala de seus alunos, de forma que eles possam valorizar sua própria língua, possibilitando desenvolver habilidades como pessoas reflexivas e mais atuantes no meio social.

No livro didático, observamos que os autores utilizam duas abordagens, a normativa e a descritiva. A abordagem normativa é aquela que se trabalha as regras gramaticais por meio de nomenclaturas e/ou classificações, como também, detectamos nas atividades as abordagens de metalinguística, ou seja, que seguem os padrões e são usadas pelo os verbos: reescrever, transcrever e indique, como também, a metalinguagem que são feitas pelas discursões em sala entre o professor e os alunos. A abordagem reflexiva é presente quando um determinado texto e/ou gênero é utilizado para explicar e compreender as regras gramaticais.

De acordo com Antunes (2007), é importante relatar que é necessário começar por aulas mais dinâmicas, com o uso dos textos para que haja conteúdos e atividades contextualizados, para que possa desenvolver a reflexão nos alunos.

É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarem na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é vista como erro. As mudanças não são percebidas como “mudanças”, são percebidas como erros. (ANTUNES, 2007, p. 23).

Nesse contexto, notamos ainda a presença do ensino da gramática normativa que ocorre por meio da metodologia voltada para a teoria, na qual, não traz benefícios para o alunado que, por sua vez, não conseguem relacionar à gramática e o contexto.

Nesse viés, Antunes (2003) faz críticas às aulas de português, apontando o ensino descontextualizado, amorfa, desvinculada dos usos reais da língua, pois ainda existem professores que ensinam a língua portuguesa por meio de frases e de conceitos. O professor deverá se dedicar em adotar novos recursos didáticos, a fim de garantir um ensino benéfico que leve ao aluno a ter uma aprendizagem significativa, ou seja, deve trabalhar com os gêneros textuais para levar os alunos para o conhecimento de alguns textos, mostrando, assim, os exemplos do bom uso da língua, a criatividade e afinidade com o contexto.

Mesmo assim, ainda são notáveis as abordagens normativas no livro didático de português. Assim, Travaglia (2011) afirma que:

Uma aplicação prática imediata que pode levar o professor a ensinar teoria gramatical, ou pelo menos pode justificar o ensino de uma certa parte da teoria gramatical, dando ao aluno nomenclatura e noções conceituais e/ou prática de análise sobre determinados elementos da língua é a possibilidade de poder usar tal conhecimento como recurso auxiliar no ensino de língua. (TRAVAGLIA, 2011, p. 100)

Nesse processo, percebe-se que mesmo o livro didático voltado para a linguagem e fazendo uso dos textos para a contextualização nas abordagens e atividades, ainda são utilizados os procedimentos tradicionais como recurso, na tentativa de facilitar a compreensão do aluno relacionado ao conteúdo proposto, como também, possibilitando fazer uma fixação das temáticas por meio de algumas questões tradicionais.

De acordo com (ANTUNES, 2014, p. 116) “não se deve separar a dimensão gramatical das outras dimensões que fazem a significação do texto. Um texto expressa o sentido que tem globalmente também pelo concurso dos itens gramaticais.” Dessa forma, entende-se que é importante trabalhar pelo método contextualizado na gramática, em que é fundamental para os alunos, possibilitando mostrar situações reais e/ou contexto comunicativo, assim, é possível coincidir com a realidade, certamente, os alunos terão uma aprendizagem de regras com sucesso.

Deve-se entender que o livro didático é uma ferramenta que venha disponibilizar auxílio para que haja interesse no alunado sobre os determinados conteúdos, assim, podendo reconhecer a sua importância. Por esse motivo, cabe aos professores procurar métodos que possam simplificar as nomenclaturas impostas pela gramática, na tentativa de que haja um bom aprendizado.

Mesmo assim, é importante evidenciar que os professores ainda trabalham a gramática de maneira mecânica, por meio de atividades de exercitação da metalinguagem e metalinguística, na qual, não dá espaço totalmente a reflexão da linguagem. Com isso, não se pode estudar a língua de maneira isolada, então é necessário usar o auxílio dos gêneros/textos para tornar a aprendizagem benéfica, ou seja, se não tiver a reflexão para quem estuda a língua, o ensino de gramática será apenas um ensino de transmissão de conteúdo exposto pelos livros didáticos.

Travaglia (2009) relata que:

Propõe que o ensino de gramática seja basicamente voltado para uma gramática de uso e para uma gramática reflexiva, com o auxílio de um pouco de gramática teórica e normativa, mas tendo sempre em mente a questão da interação numa situação específica de comunicação e ainda o que faz da sequência linguística um texto que é exatamente a possibilidade de estabelecer um efeito de sentido, uma unidade de sentido para o texto como o todo. (TRAVAGLIA, 2009, p. 108)

Sob tal enfoque, é possível perceber que através dos conhecimentos por meio dos textos/gêneros revelam que o ensino de regra contextualizado é importante para que haja sentido na aprendizagem dos alunos, ou seja, é necessário o uso de metodologias, em que proporcione ao alunado êxito com relação ao ensino/aprendizagem.

Dessa forma, as atividades que o livro propõe são algumas contextualizadas, em que se tentar trabalhar a reflexão dos alunos, como também, nota-se a presença de atividades de classificação e análises sintáticas, na qual, não revela um ensino de sucesso ao se trabalhar a língua portuguesa, é necessário que o conteúdo seja explorado, questionado e refletido, porém, ainda existe professores que trabalham de maneira contextualizada retirando trechos de textos, como também, frases, assim, não significa que utilizou uma metodologia contextualizada na gramática, e apenas, ocorreu uma redução sobre os estudos da língua, ou seja, ocorre o procedimento tradicional de sempre que são as classificações, análises e denominações e entre outras.

Dessa forma, Antunes (2014) afirma que:

A relevância dessa gramática contextualizada está, exatamente, na decisão de não isolar os elementos gramaticais de outros lexicais ou textuais, mas, ao contrário, ver a gramática tecendo, junto com outros constituintes, os sentidos expressos. Gramática contextualizada é gramática a serviço dos sentidos e das intenções que se queria manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer. (ANTUNES, 2014, p. 47)

Ampliam-se, deste modo, que a contextualização tem a pretensão de uma junção entre as regras com os textos, buscando contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com relação à competência linguística, fazendo com que as atividades e as abordagens sejam significativas e transformadoras. É por esse motivo que são exigidas a metodologia de aulas contextualizadas no ensino de língua portuguesa, pois, é através dela que é possível trabalhar o conhecimento de mundo que é internalizado que o aluno carrega. É por meio dessa gramática

internalizada, ou seja, a língua materna que é bastante julgada dentro da sala de aula, tanto os professores como as instituições ainda tendem a ensinar o que é “certo” e “errado” na fala/escrita pela a gramática normativa.

Então, Travaglia (2009, p. 144) afirma que os estudos reflexivos são voltados “aos objetivos de ensinar sobre como é a língua, de levar a conhecer a instituição social que a língua é e ensinar a pensar”. Assim, o objetivo de utilizar a gramática contextualizada não é fazer com que os alunos constituam uma nova linguagem e passem a utilizá-la, esquecendo-se da que já é própria deles, mas sim, expandir sua capacidade de uso, desenvolvendo habilidades de comunicação por meio de atividades com textos dos mais variados gêneros.

Nesse contexto, Antunes (2007) afirma que:

[...] conhecimentos relativos à composição dos diferentes gêneros textuais são imprescindíveis para que possamos ser eficazes comunicativamente, até mesmo na hora da escolha dos padrões ou das regras tipicamente gramaticais. Não basta saber, insisto, que o pronome é uma palavra que substitui o nome, ou que uma elipse é a omissão de um termo recuperável pelo o contexto precedente. É preciso saber que efeitos o uso de um ou de outro provoca na sequência do texto. É preciso saber que pontos do texto convém usar um pronome em lugar de uma expressão nominal ou recorrer a uma elipse em vez de usar a forma explicitada. (ANTUNES, 2007, p. 59)

Percebe-se a importância da utilização dos gêneros textuais no ensino de regras, em que vem se modificando a cada dia pela formação de professores. Assim, é possível abrir um canal de propostas para as mudanças de aulas repetitivas e consideradas chatas. É notório que a gramática contextualizada proporciona um estímulo ao raciocínio entre as diversas situações gramaticais, revelando mais conhecimentos e tornando prazeroso o ato de aprender.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras feitas, no decorrer desse trabalho, encaminharam-nos para o entendimento de que a gramática tem a função de aperfeiçoar a linguagem que utilizamos, como também, fazer com que haja a compreensão dos textos que lemos e ouvimos. Assim, a ideia é que o ensino de regras tenha utilidade para o uso da língua oral e escrita, para que possa facilitar a comunicação entre os sujeitos, ao invés de oprimi-los com o rigor metódico do uso da norma pela norma.

Autores como Antunes (2007) nos esclarece a respeito da essencialidade da gramática, sendo possível identificarmos sua importância antes mesmo do início do ensino formal, uma vez que o sujeito possui uma gramática dentro de si, a qual se constitui a partir do momento em que passa a ouvir e a falar, como também, pelo convívio com o outro. Assim, não se pode falar uma língua sem que esteja por dentro das regras. Com isso, ainda é detectável que língua e gramática são interligadas, ou seja, uma depende da outra. Ainda de acordo com (ANTUNES 2007, p. 39) afirma que “língua e gramática se equivalem. Uma esgota totalmente a outra. Uma preenche a outra. Nenhuma é mais do que a outra.”. Por isso, o conhecimento gramatical é considerado válido, porque é necessário para acrescentar às exigências da sociedade.

Nesse contexto, importa ressaltar que falar sobre a importância da gramática requer também que se enfatize o ensino da língua através do texto/gênero, pois não só é possível, como é recomendável que o ensino da gramática se efetive através desses instrumentos. Nesse viés, notamos que o texto também se tornou um elemento importante na sala de aula para o ensino de língua de portuguesa, em que se possa ampliar as possibilidades da linguagem, assim, as instituições procuram a trabalhar com o texto para que façam presentes no dia-a-dia dos sujeitos.

Dessa forma, Antunes (2014) diz que é necessária a utilização dos textos, sendo que, podem ser vistas nas múltiplas questões gramaticais. É tanto que as questões podem ser voltadas para os textos como base de análise. Nesse sentido, pode ser recomendável, em determinadas alturas, a seleção de itens gramaticais. .

Compreendemos, desse modo, que é interessante utilizar diversificados recursos linguísticos para o ensino da gramática, a fim de que se possa trabalhar de maneira mais ampla, ou seja, fazer a contextualização para haja à interpretação e a compreensão do conteúdo gramatical. Assim, a escola, professor e o livro didático

devem estar por dentro dessa metodologia, na qual, terá desenvolvido bons resultados.

A partir, disso encaminhamos as reflexões em busca da compreensão de que é preciso encontrar novas metodologias para que se possa trabalhar uma proposta de gramática voltada para o entendimento e elaboração de diversos gêneros textuais, e que possibilite trabalhar a interpretação do texto, através de um ensino mais produtivo.

Diante disso, nossas hipóteses, em partes, comprova que é a partir da identificação da gramática no livro didático, os autores intitulam a parte gramatical de língua: uso e reflexão, assim, apresentando trabalhos voltados para a linguística, textos, análise do discurso e semântica, em que vem sendo trabalhadas as diferentes linguagens em circulação para demonstrar a diversidade de língua falada no nosso país.

Nesse viés, foi possível identificar pontos positivos, e considerar como um avanço, pois, nem sempre o livro esteve a mostrar métodos normativos, e sim, uma mescla de abordagens. Foram encontradas abordagens reflexivas, tanto na parte de conteúdo, como também, nas atividades, os autores propuseram a utilizar dos diversos gêneros textuais, priorizando a leitura, a interpretação e o melhor uso possível da língua em diferentes situações. Para tanto, é evidente a importância desses métodos, em que tenta proporcionar uma aprendizagem de língua materna de qualidade.

Identificamos também que os livros didáticos ainda utilizam abordagens tradicionais, principalmente para conteúdos de cunho classificatório, são poucas exemplificações que são voltadas para os textos/gêneros, como também, é importante destacar que, na maioria das atividades, foram encontradas questões com verbos de reescrever, transcrever, identifique e dentre outros, para que haja a fixação do conteúdo.

É nesta perspectiva e conforme o que se estabelece na teoria de Faraco (2008) que é possível, sim, trabalhar uma gramática flexível, voltada para língua, com o uso dos diversos gêneros textuais para construção da capacidade, em que permitam aos alunos utilizar da sua realidade para aprender. Por isso, é que reafirmamos a necessidade de aulas de regras voltada para a linguística, com isso, criará oportunidades para que os alunos consigam estudar o ensino de regras não apenas pelo método tradicional, pois são frequentes o uso da análise morfológica,

sintática e frases descontextualizadas, e sim, trabalhar o campo da morfologia, sintaxe e semântica de maneira reflexiva, obtendo sucesso nas diversas maneiras de situações de falas.

Partindo da seriedade, é necessário que sejam desenvolvidas aulas para o ensino de gramática contextualizada, para que os alunos se tornem reflexivos, críticos, questionadores e acima de tudo, possam estar sempre em contato com a sua própria língua, ampliando sua capacidade por meio de atividades com os gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de, **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração na graduação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ANTUNES, Irandé, 1937. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____, Irandé, 1937. **Muito Além da Gramática: por um ensino sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____, Irandé, 1937. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos, 1999. **Preconceito linguístico**. 9. ed. São Paulo, Edições Loyola. 2001.

_____, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. – São Paulo. Parábola Editorial, 2007.

_____, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editora, 2012

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch, 1895-1975. **Estética da criação verbal**. - 2. ed. - São Paulo Martins Fontes, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. Ed. 2008

CEREJA, Willian Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Linguagens**. – 9. ed. – São Paulo: Saraiva, 2013.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **Norma linguística do português no Brasil: 12º período** – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. – São Paulo, Parábola Editora, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI : o dicionário da Língua Portuguesa**. – 3ª ed. totalmente revista e ampliada. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GERADI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

_____, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. João Wanderley Geraldi (org.). – São Paulo: Anglo, 2012

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 2009.

_____, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. – 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

_____, Luiz Carlos. **Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento**. – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

VIERIA, Sílvia Rodrigues. BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **Ensino de gramática: descrição e uso**. - 2. ed., 3 reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.